

WILLIAM FLETCHER BARRETT



**VISÕES NO  
MOMENTO DA MORTE**

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**William Fletcher Barrett**  
**Visões no momento da morte**

Titulo original:

**William Fletcher Barrett**  
**Death-Bed Visions**

Methuen & Company Limited  
London - 1926

Tradução do Inglês: Manuel Pumerega

Tradução do Espanhol: Teresa da Espanha

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

*Portal Luz Espírita*

*Autores Espíritas Clássicos*



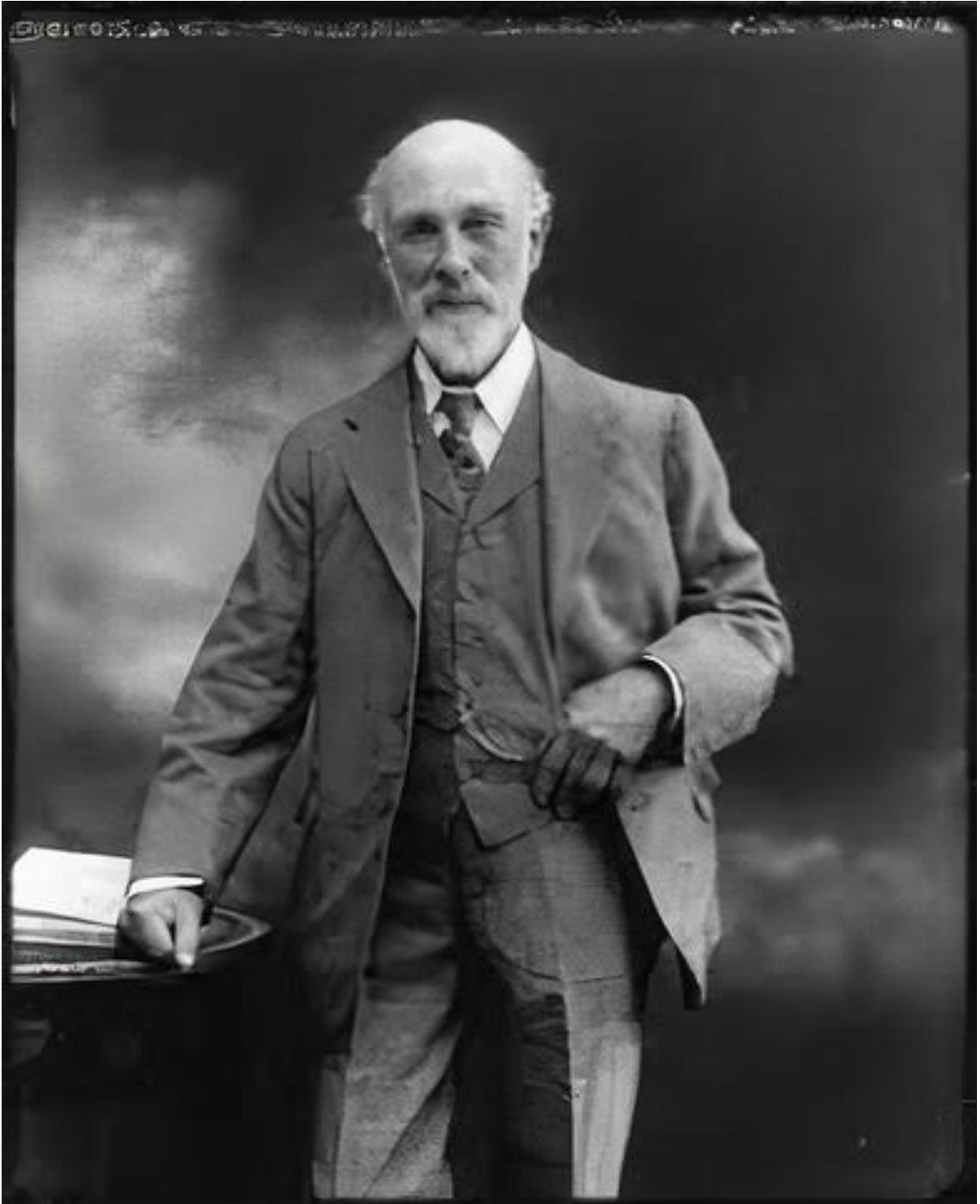
WILLIAM FLETCHER BARRETT

VISÕES NO MOMENTO DA MORTE

AS EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS DOS  
MORIBUNDOS

LONDRES

1926



**William Fletcher Barrett (1844 – 1925)**

Durante seus 50 anos de pesquisa psíquica, Sir William Fletcher Barrett (10 de fevereiro de 1844 - 26 de maio de 1925) observou muitos tipos de fenômenos espíritas.

Em suas reminiscências, lidas em uma reunião privada da Society for Psychical Research (SPR) em 17 de junho de 1924, menos de um ano antes de sua morte, Barrett disse:

*“Estou pessoalmente convencido de que as evidências que publicamos demonstram decididamente (1) a existência de um mundo espiritual, (2) sobrevivência após a morte, (3) de comunicação ocasional daqueles que já faleceram... No entanto, dificilmente é possível transmitir aos outros que não tiveram uma experiência dos dados acumulativos do pós-morte que compeliram a minha crença pessoal”.*

Barrett foi o principal responsável pela fundação da Society for Psychical Research (SPR) em 1882, atuando como editor do Journal of the Society for Psychical Research (JSPR). E na presidência desta instituição em 1904. Ele também encorajou o professor William James de Harvard a organizar o ramo americano da SPR em 1884.

Neste livro, *Visões no momento da morte*, publicado pela primeira vez em 1926, um ano após a sua morte, Barrett relatou em uma série de casos intrigantes em que uma pessoa moribunda parece ver e reconhecer algum parente ou amigo falecido, alguns deles envolvendo casos em que a pessoa moribunda não sabia da morte anterior da forma espiritual que viu.

Esses casos formam, talvez, um dos argumentos mais convincentes para a sobrevivência após a morte, já que o valor probatório e o caráter verídico dessas visões dos moribundos são grandemente aumentados quando o fato é inegavelmente estabelecido de que o moribundo foi totalmente ignorante da morte da pessoa que ele ou ela vê tão vividamente.

OS TRADUTORES

# Sumária

Apresentação — pág. 07

Prefácio do editor — pág. 09

I - Introdução — pág. 12

II - Visões de pessoas falecidas, por moribundos que ignoravam esses falecimentos — pág. 19

III - Visões de pessoas cuja morte era conhecida pelos moribundos e visões percebidas também pelos acompanhantes — pág. 33

IV - Visões de pessoas enxergadas pelo moribundo à distância e em alguns dos casos, recíprocas — pág. 75

V - Música ouvida no momento da morte pelo moribundo ou pelas pessoas presentes — pág. 87

VI - Visões do espírito de um moribundo ao abandonar o corpo — pág. 94

# Apresentação

Sir William Barrett é considerado como um dos investigadores mais prestigiosos dentro dos fenômenos paranormais. Seus trabalhos e observações, realizados com objetividade e sentido crítico, levaram-no a afirmar, publicamente, sua adesão ao Espiritismo como ciência experimental que demonstra a sobrevivência da alma e a possibilidade de comunicação entre os mundos visível e invisível.

Barrett foi um homem de grandes inquietações, sistemático e metuculoso. Nasceu em 1845 e morreu com a idade de 80 anos (1925). Eminente físico, catedrático na Universidade de Dublin, contribuiu com suas investigações em física a uma conquista da humanidade tão essencial e que nos é tão familiar como é o telefone.

Aos 18 anos já começou a investigar experiências psíquicas, e aos 31 (1876), apresentou na "British Association for the Advancement of Science", seu trabalho sobre alguns fenômenos associados a estados mentais anormais, no qual relacionou suas experiências telepáticas e afirmou ter ouvido, junto ao leito de um enfermo, sons e pancadas inexplicáveis.

Comprometido com suas convicções, no dia 6 de janeiro de 1882 convocou uma reunião de eminentes pessoas para estudar a fundação da Sociedade de Investigações Psíquicas, a qual foi fundada em 20 de fevereiro.

Os primeiros trabalhos da Sociedade foram dedicados à investigação experimental da transmissão de pensamento e clarividência, matéria à qual William Barrett tinha consagrado

grande parte das suas investigações a respeito dos fenômenos de aparição, realizando valiosos estudos recolhidos em suas obras: *“No Umbral do Invisível”* e *“Visões no Momento da Morte”*.

Nesta última obra que temos a satisfação de apresentar, o autor começou a coletar experiências de pacientes em estado terminal, que manifestavam ter visões tanto de pessoas vivas como falecidas, algumas delas verificadas pelos assistentes.

Por tudo isto, é uma obra recomendável e atraente, dada sua concretização no tema, que contribui com muitos e valiosos dados sobre a verdade da sobrevivência da alma depois da morte.

Cabe-nos, sem dúvida, a necessidade de ressaltar o trabalho do primeiro editor, que coletou extraordinariamente os casos, ordenando-os e dando-lhes um corpo estruturado. A leitura do “Prefácio do Editor”, de M. Aguilar, é, pois, imprescindível, o qual transcreveu integralmente, dada sua importância, já que é uma contribuição histórica devido à contemporaneidade da edição, pois a obra de Barrett é inacabada, por ter falecido o autor em 1926, deixando o livro somente em esboço.

Cristóbal Fernández

## Prefácio do editor

Esta obra oferece-se ao público em estado imperfeito. Ver-se-á que, na introdução, o autor não fez mais que esboçar em grandes traços o estudo que pretendia fazer e até mesmo este esboço é incompleto.

O editor prefere, não obstante, deixar intactos, tanto a introdução como o exame dos casos, na crença de que, trabalhando deste modo, recolher-se-á com mais exatidão o pensamento do autor, que se alguma outra mão tivesse modificado alguma coisa. É evidente que o esboço está sem terminar, pois nos livros a que se faz referência, o autor tinha assinalado diversas passagens para exame, especialmente no livro recentemente publicado, do professor Bozzano, “Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte”, traduzido do italiano para o francês, por Cesare de Vesme.

Ao autor interessava especialmente a observação de Ernesto Bozzano segundo a qual, se os fenômenos eram causados pelos pensamentos da pessoa moribunda, ao serem dirigidos aos seres queridos, caberia esperar que as aparições representassem pessoas vivas, com tanta freqüência ao menos como pessoas falecidas, que abandonaram este mundo muito tempo atrás, quando a verdade é que não se recordava nenhum caso de pessoa moribunda que tivesse, junto ao seu leito, visões de amigos vivos.

O autor teria desejado pedir àqueles que acreditam que as visões são o produto de desejos ou pensamentos intensos, que reunissem provas em apoio da sua teoria, demonstrando que o desejo de ver amigos vivos pode produzir a aparição destes junto ao leito, em momentos de plena consciência.

Existem, sem dúvida, casos da chamada clarividência (veja-se o capítulo IV) nos quais as pessoas moribundas, após um período de transe ou inconsciência, dizem que viram parentes vivos e distantes; e ocorreram casos nos quais a imagem da pessoa moribunda apareceu por sua vez ao parente distante, sendo tomada, geralmente, por uma aparição real. Este é, evidentemente, um fenômeno muito diferente.

Outro ponto que o autor tinha examinado com seus amigos era que nos casos de aparição de fantasmas de pessoas vivas reunidos pela Sociedade de Investigações Psíquicas, a imagem projetada na visão teria sido, normalmente, a da pessoa que pensava, não a daquela em quem pensava. Seguindo esta analogia, quando um moribundo vê o fantasma de uma pessoa já falecida, a iniciativa teria de partir do pensamento desta última, com o qual ficaria demonstrada sua sobrevivência.

Um fato nada insólito que se adverte na agonia de crianças impressionava consideravelmente o autor; consiste em que estas descrevem a visão em termos que não estão em consonância com idéias derivadas da sua educação religiosa. O autor acreditava que em tais circunstâncias dificilmente a alucinação poderia ser atribuída a um mero vôo da fantasia.

Ao ordenar os grupos de casos, o autor colocou em primeiro lugar os relativos à aparição de uma pessoa falecida quando o moribundo que a percebia ignorava sua morte. Um caso recente e notável foi o do casal B, o primeiro caso relatado no capítulo II. O autor reconhecia que quando a morte do aparecido era conhecida por algum dos presentes, seria possível tentar recorrer à telepatia para explicar o incidente, mas afirmava que esta explicação não serviria para os casos narrados nesse capítulo, nos quais tanto o moribundo como os assistentes ignoravam a morte.

O autor consagrou a este problema tempo e reflexões consideráveis e aspirava a que os grupos de casos fossem completos e significativos, dentro do possível, antes da sua publicação. Isto, porém, não foi possível, pois a meio caminho do seu ativo trabalho o autor passou de repente a “esse mundo pouco conhecido”, para onde ele havia levado seu pensamento com tanta freqüência.

O autor desejava provar que até mesmo aquelas pessoas que ao longo de sua vida foram céticas sobre a sobrevivência após a morte, mostravam em seus últimos momentos compreender que existia outra vida.

Portanto, o autor não escolheu somente casos de visões percebidas por pessoas que acreditavam na sobrevivência da alma, ou por aquelas que possuíam faculdades psíquicas especiais, mas também de visões percebidas por pessoas que não acreditavam na vida futura. (Vejam-se os casos assinalados ao final do capítulo III).

Apresentou cada caso lealmente, sem ocultar os pontos fracos do fundo, e deixou que o leitor considerasse até que ponto seria possível recorrer-se à telepatia ou a alguma outra explicação mental para justificar os casos. Ele esperava que os críticos imparciais percebessem que tais explicações implicariam um vôo ou elevação da alma, incompatível com os laços materiais da vida.

É de se esperar que este pequeno livro, embora muito longe de ser aquilo que o autor desejava fazer, cumprirá seus desígnios até certo ponto, e dirigirá a atenção em nosso país sobre fenômenos que, a seu ver, mereciam ser mais estudados do que já foram.

O editor reconhece com gratidão a ajuda prestada pelo Sr. Trethewy na sua escrupulosa leitura do manuscrito, na preparação do índice e em numerosas e valiosas sugestões.

A editora. Abril, 1926

# I

## Introdução

É sabido que existem muitos casos notáveis em que uma pessoa moribunda, pouco antes de abandonar a Terra, parece ver e reconhecer algum parente ou amigo defunto. No entanto, é preciso ter presente que as alucinações nos moribundos são bem freqüentes. Ocorrem, porém, casos em que o moribundo ignorava a morte prévia da pessoa cuja imagem vê, e assim, espanta-se de encontrar na visão de seu defunto parente uma pessoa que ele julga ainda estar na Terra. Estes casos constituem, talvez, um dos argumentos mais convincentes em apoio da sobrevivência, já que o valor demonstrativo e o caráter verídico destas visões dos moribundos se acrescentam consideravelmente quando se estabelece de modo indiscutível o fato de que a pessoa moribunda ignorava por completo o falecimento da pessoa que está vendo de maneira tão vívida.

Referindo-se a estas visões, o professor Richet, esse eminente fisiologista de renome europeu, escreve o seguinte:

“Os fatos desta índole são de grande importância. Resultam muito mais explicáveis segundo a teoria espírita do que pela hipótese da mera criptestesia. De todos os fatos admitidos para provar a sobrevivência, estes são, a meu ver, os mais desconcertantes (isto é, desde o ponto de vista materialista). Por conseguinte, julgo um dever mencioná-los com todo o escrúpulo!”

Como é sabido, o professor Charles Richet não acredita na

existência da alma ou na sobrevivência após a morte, e explica as demonstrações da pesquisa psíquica da existência de um mundo espiritual com a sua teoria da criptestesia, na qual se entende a percepção de coisas ou seres por meio de algum órgão sensorial até agora ignorado pela ciência, faculdade que nem todo mundo possui, mas cuja existência, em determinados indivíduos, ficou estabelecida, a meu ver, de modo conclusivo. Estas pessoas sensitivas são encontradas em todos os países e em ambos os sexos e podem ser velhas ou jovens, ricas ou pobres, instruídas ou ignorantes. Esta faculdade de clarividência – esta percepção de pessoas ou coisas invisíveis à vista normal – pode manifestar-se com a pessoa sensitiva em estado consciente, mas é observada mais freqüentemente quando em estado de transe, especialmente quando este é originado por uma profunda hipnose, o “transe mesmeriano”, como era chamado.

Os antigos mesmerianos empregavam a palavra “lucidez” ou “clarividência à distância” para designar a percepção de coisas diferentes. O termo clarividência, porém, é ambíguo, pois agora é empregado em dois sentidos diferentes, a saber:

a) Para designar a percepção de objetos materiais ocultos e distantes da pessoa sensitiva, tais como água subterrânea.

b) Para designar a percepção por parte da pessoa sensitiva de objetos imateriais, como as aparições de pessoas mortas.

Para evitar esta confusão, Myers sugeriu o termo “telestesia” no lugar de clarividência, para designar a percepção de coisas materiais. Myers define a telestesia como a sensação ou percepção de objetos ou condições, independentemente também de toda possível comunicação telepática como origem do conhecimento obtido desse modo. Daí que o termo telestesia seria inaplicável às aparições dos mortos ou às visões dos moribundos; Richet, porém, incluiria ambos os fenômenos, assim como a visão de coisas materiais ocultas, sob o

termo "criptestesia", que parece ter a mesma conotação que a palavra familiar "clarividência" e oferece, portanto, análoga ambigüidade.

Foram sugeridos outros termos para designar a clarividência. Na América do Norte, o Sr. Henry Holt emprega a palavra "telopsis" e o Dr. Heysinger, a palavra "telecognosis", mas estes termos dificilmente poderiam aplicar-se às aparições ou visões dos moribundos que surgem próximos do indivíduo sensitivo e não longe dele.

Em sua obra "Peak in Darien", a Srta. Cobbe faz algumas observações interessantes a respeito da questão das visões dos moribundos. Diz assim: "O moribundo jaz tranquilo quando, de repente, no mesmo momento de expirar, levanta a vista – às vezes incorpora-se no leito – e fica com o olhar fixo no vazio (ou o que assim parece) com uma expressão de perplexidade que umas vezes se transforma instantaneamente em alegria e, outras, na sensação de um espanto e terror solenes. Se o moribundo fosse perceber uma visão totalmente inesperada, mas instantaneamente reconhecida, que lhe causasse uma grande surpresa ou uma exultante alegria, seu rosto não poderia revelar melhor o fato. No mesmo instante em que se produz este fenômeno, a morte ocorre, e os olhos ficam vidrados, sem deixar de contemplar o espetáculo ignorado."

Pelo que diz respeito ao problema geral das visões dos moribundos, o Sr. Myers coloca algumas observações interessantes na sua obra "Phantasms of the Living". Myers diz que, a seu ver, este fenômeno – "certamente deve ocorrer com frequência, mas raramente pode ser registrado". Aqui encontramos um relato parcial de um incidente recíproco estranho por completo ao conhecimento: refiro-me à percepção supranormal que um homem tem no mesmo instante da morte, sendo que não se registrou nenhum caso de

peças a quem o moribundo parecia fazer sua visita correspondente (*Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 305).

No entanto, foram registrados diversos casos em que a visão dos ausentes foi compartilhada pelos amigos do moribundo que se achavam à sua cabeceira. Em outro capítulo se apresentarão casos deste tipo.

Ao considerar o valor das demonstrações dos fenômenos supranormais, é preciso avaliar a importância do caráter acumulativo da evidência. A espontânea coincidência de testemunhas sem qualquer relação entre si, é o que constitui o seu valor se tomadas em conjunto, sendo que um só caso pode ser duvidoso ou refutado, do mesmo modo que uma só vara pode ser quebrada facilmente, mas um feixe de varas desafiará todas as nossas tentativas de quebrá-lo.

Sobre este ponto, o arcebispo Whately fez algumas observações admiráveis a respeito do valor da testemunha. Eis aqui as suas palavras: “É evidente que quando muitos coincidem em um depoimento (para o qual não poderia existir nenhum acordo prévio) a verossimilhança derivada de tal coincidência não descansa na suposta veracidade de cada indivíduo considerado separadamente, senão no inverossímil de semelhante coincidência dever-se ao acaso. Pois, embora neste caso seria preciso acreditar que nenhuma das testemunhas era digna de crédito e até que era mais provável que estivessem mentindo do que falando a verdade, ainda assim seriam infinitas as probabilidades contra a possibilidade de que todos fossem coincidentes na mesma falsidade.” (Veja-se a “Retórica de Whately, cap. V)

Há cerca de cinquenta anos o Reverendo J. S. Pollock, erudito beneficiado de uma igreja de Birmingham, publicou uma coleção de casos de fenômenos sobrenaturais sob o curioso título de “Mortos e

Desaparecidos”. Apesar de serem citados uns quinhentos casos, tomados de diversas fontes, não se tentou investigar nem um só deles, razão pela qual o livro, em conjunto, tem pouco valor demonstrativo.

Aqui cabe mencionar algumas observações sugestivas feitas pelo Sr. Henry Sidgwick pouco tempo depois da fundação da Sociedade de Investigações Psíquicas. Foram publicadas no Proceedings de 1885, pág. 69.

A maioria das pessoas que irão ler estas páginas pertence, com certeza, a alguma seita cristã e, para eles, a continuação da existência da alma depois da morte não é, naturalmente, uma teoria nova, inventada para explicar os fenômenos que estamos examinando, ou então que exige o apoio dos mesmos. Mas poucos serão os que achem difícil concordar comigo nos seguintes pontos:

1º- Que a possibilidade de receber visões ou comunicações não é uma consequência necessária da imortalidade da alma.

2º- Que se a comunicação que poderia ser chamada de objetiva, isto é, distinguível de nossos pensamentos e emoções, pudesse ser feita por todos os defuntos que o desejassem, caberia esperar, naturalmente, que se produzisse com mais freqüência do que o mais entusiasta pode supor que se produz.

3º- Que a sua possibilidade, embora não esteja em contradição com nenhum dos fatos conhecidos da ciência física, não está certamente apoiada, nem em modo algum sugerida, por nenhum destes fatos. Conseqüentemente, por mais que acreditemos na sobrevivência dos mortos, não podemos considerar a suposição de uma ação deles sobre a mente dos vivos como simples referência de um efeito a uma verdadeira causa conhecida, que fosse adequada para produzi-lo. Devemos tratá-la como trataríamos – em qualquer departamento de investigação física – a hipótese de um agente completamente novo,

de cuja existência não há prova alguma, salvo os fenômenos que se apresentam para serem explicados. Se assim for, reconhecer-se-á, a meu ver, que estaríamos violando uma regra estabelecida do método científico se apresentássemos semelhante hipótese, a não ser em último recurso, quando os demais modos de explicação parecem falhar claramente.

Em qual ponto exato de improbabilidade deverá considerar-se estabelecido o fracasso das demais explicações: eu não creio que possa determinar-se ou, ao menos, acho-me incapaz disso. Mas talvez possa dizer que, a meu ver, é este um ponto que dificilmente pode ser alcançado quando se trata da narração de um só acontecimento considerado em si. Se estivéssemos nos enfrentando com apenas uma única história de aparições, nem sequer me seria possível conceber o gênero ou importância das provas que me induziriam a preferir a hipótese da atuação dos espectros a todas as demais explicações possíveis. Portanto, a existência dos fantasmas dos mortos só pode estabelecer-se, no caso de ser possível, pelo cúmulo das inverossimilhanças em que nos vemos envoltos ao rechaçar uma grande massa de testemunhos aparentemente vigorosos de fatos que, como se diz, não parecem admitir nenhuma outra explicação satisfatória, e ao analisar o valor destes testemunhos, estamos obrigados, a meu ver, a forçar até o máximo todas as possíveis suposições de causas reconhecidas antes de podermos acreditar que o relato em questão prova a atuação deste novo agente.

Por outro lado, todas as sociedades científicas devem ter como lema a opinião formulada por Sir John Herschel em seu discurso sobre “A Filosofia Natural” (pág. 127), segundo a qual “o observador perfeito... deverá ter os olhos abertos para poder descobrir imediatamente todo fenômeno que, segundo as teorias recebidas não

deve acontecer, pois estes são os fatos que servem de indícios para novos descobrimentos”. Infelizmente, como observou Goethe em uma de suas conversações com Eckermann, “quando nas ciências alguém sugere algo novo... as pessoas se opõem com todas as suas forças; falam com desprezo da nova opinião como se não valesse a pena considerá-la ou estudá-la, e por isso uma nova verdade precisa esperar longo tempo até poder abrir caminho”.

## II

# Visões de pessoas falecidas, por moribundos que ignoravam esses falecimentos

A evidência das visões dos moribundos, quando estes acreditam ver e reconhecer algum parente falecido, cuja morte lhes era desconhecida, facilita talvez um dos argumentos mais sólidos em favor da sobrevivência. O mesmo professor Richet acredita que é impossível explicar este fenômeno pela criptestesia. Apresentei alguns casos notáveis destas visões dos moribundos em meu livro “No Umbral do Invisível”, e podem encontrar-se outros nos “Proceedings” de nossa Sociedade.

Um caso recente desta índole foi-me relatado pela Srta. Barrett, ocorrido quando esta estava cuidando de uma paciente na Casa de Maternidade de Clapton, onde ela exerce como um dos cirurgiões obstétricos.

A Srta. Barrett recebeu um aviso urgente da Dra. Phillips, médica permanente da Casa, para que fosse auxiliar uma paciente, a Sra. B., que estava em trabalho de parto e sofria de uma grave debilidade cardíaca. A Srta. Barrett acorreu com prontidão e o menino nasceu são e salvo, embora a mãe se encontrasse em período de agonia. Depois de visitar outras pacientes, a Srta. Barrett voltou ao quarto da

Sra. B., onde teve lugar a seguinte conversação, que foi escrita pouco depois.

Diz a Srta. Barrett:

Quando entrei no quarto, a Sra. B. estendeu as mãos para mim, dizendo:

- Obrigada, muito obrigada pelo que fez por mim para dar à luz. É menino ou menina?

Logo, voltando-se de novo para a visão, acrescentou:

- Não me deixe, não vá embora, por favor.

E após uns minutos, enquanto o cirurgião da casa punha em prática algumas medidas para reanimá-la, ela olhou para a parte vazia do apartamento, que estava brilhantemente iluminada, e disse:

- Oh! Não deixem que escureça. Está escurecendo... Cada vez está mais escuro.

Então mandou chamar seu marido e sua mãe. De repente, a Sra. B. ficou olhando com ansiedade um ponto do apartamento, enquanto um radiante sorriso iluminava toda a sua fisionomia.

- Oh! Que lindo, que lindo! - disse ela.

- O que é lindo? - perguntei.

- Isso que estou vendo - respondeu ela em voz baixa e intensa.

- E o que está vendo?

- Um resplendor, um brilho sublime... Seres maravilhosos.

É difícil descrever a sensação de realidade dada pela sua intensa absorção na visão. Depois, como concentrasse por um momento a atenção com mais intensidade em um só ponto, exclamou lançando quase um grito de alegria:

- Como! Mas se é o meu pai! Oh, como ele está feliz porque eu vá! Como ele se alegra! Para ser perfeito, só bastaria que W. (seu marido) pudesse ir também.

Então, trouxeram-lhe o menino para que ela o visse. Ela o

contemplou longamente e depois disse:

- Vocês pensam que devo ficar por amor ao menino? Logo, voltando-se de novo para a visão, disse:

- Não posso, não posso ficar. Se vocês pudessem ver o que eu estou vendo, saberiam que não posso ficar.

Mas dirigindo-se ao marido, que já tinha chegado, disse:

- Você não vai entregar o menino a alguém que não vá querê-lo, não é mesmo?

Então, suavemente, afastou-o dizendo:

- Deixe-me ver o belo resplendor.

Saí pouco depois e a parteira me substituiu junto ao leito. A Sra. B. viveu ainda uma hora e pareceu conservar, até o último momento, a dupla consciência das luminosas imagens que estava vendo e das pessoas que lhe prestavam auxílio, à cabeceira. Por exemplo: combinou com a diretora que o seu filhinho prematuro permaneceria na Maternidade, até que estivesse forte o bastante para poder ser criado com alguma família.

Florência E. Barreto

A Dra. Phillips, que estava presente, depois de ler as notas acima escreve dizendo-me que “coincide perfeitamente com o relato da Sra. Barrett”.

A prova mais importante, sem dúvida, é a fornecida pela diretora do hospital, que enviou o seguinte relato:

Eu estava presente, juntamente com o esposo e a mãe, pouco antes da Sra. B. vir a falecer. Seu esposo estava falando-lhe, inclinado sobre ela, quando a Sra. B. o afastou (\*) dizendo:

Mirian Castle. Diretora.

*(\*) Este não é o incidente mencionado pela Sra. Barrett, mas sim outro posterior da mesma natureza.*

- Oh, deixe-me vê-lo! É muito formoso!

Logo, voltando-se para mim, no outro lado da cama, perguntou:

- Oh! Como é que a Vida está aí, referindo-se a uma sua irmã falecida três semanas antes, fato que não lhe fora revelado. Posteriormente, a mãe, presente naquele momento, disse-me que Vida era o nome de uma irmã da Sra. B., e que ela ignorava por completo a sua enfermidade e morte, porque eles cuidaram de que ela não soubesse da notícia, devido à gravidade do seu estado, como já informei.

Pedi para a Sra. Phillips tentar obter um relato independente da mãe da Sra. B., que, segundo manifestou a diretora, estava presente naquele momento.

Gentilmente atendeu o meu pedido e recebi a interessante e informativa carta que segue, da Sra. Clark (a mãe da Sra. B.)

Highbury, N. 5.

Fiquei sabendo que está interessado em conhecer detalhes sobre o belo trânsito do espírito da minha querida filha, que abandonou a Terra em 12 de janeiro de 1924.

O que há nele de maravilhoso é a história da morte da minha querida filha Vida, que permaneceu inválida durante alguns anos. A morte aconteceu em 25 de dezembro de 1923, duas semanas e quatro dias antes da morte de Dóris, sua irmã menor. Minha filha Dóris, a Sra. B., estava então muito doente e a diretora da Casa de Maternidade pensou que não seria prudente que ela soubesse da morte da sua irmã. Portanto, quando íamos visitá-la, escondíamos nossa dor e a visitávamos como de costume.

Do mesmo modo, pediu que suas cartas fossem retidas, para que seu marido observasse de quem eram antes de deixar que ela as lesse. Esta precaução foi tomada por receio de que alguma amiga distante, ignorando o gravíssimo estado de sua saúde, pudesse ao escrever-lhe fazer alusão a essa recente desgraça.

Quando a minha querida filha começou a decair rapidamente, disse: “Tudo fica escuro. Não posso ver.” Em poucos segundos, um lindo resplendor iluminou a sua fisionomia. Agora sei que aquilo era a luz do céu, e causava maravilha contemplá-lo. Minha querida filha disse: “Oh! É lindo e brilhante! Vocês não podem vê-lo como eu.”

Fixou a vista em certo ponto do quarto e disse: “Oh Senhor! Perdoa-me por tudo quanto eu tivesse feito de mal!” Depois disto, disse: “Estou vendo o meu pai. Ele precisa de mim. Está muito só.” Falou ao pai dizendo: “Já vou”, e ao mesmo tempo, voltando-se para mim: “Oh! Como ele está perto!”. Tornando a olhar para o mesmo local, disse com expressão um tanto intrigada: “A Vida está com ele!” e voltou-se para mim, repetindo: “A Vida está com ele!” dizendo ainda: “Você precisa de mim, papai. Já vou.” Logo prorrompeu em algumas palavras entrecortadas, ou suspiros, que não eram muito precisos, nem claros.

Com grande dificuldade e após um penoso esforço, pediu para ver “o homem que nos casou”. Este pedido foi feito ao marido, que estava do outro lado da cama. Ela não pôde dizer o nome, mas referia-se ao Reverendo Maurício Davis, de All Saints, Haggerston, que foi mandado chamar. Ele foi, mas quando chegou a Sra. B. já não podia falar, embora ainda estivesse viva. Ele conhecia a minha querida filha de alguns anos atrás e ficou tão impressionado com as suas visões, que mencionou o fato no Boletim Paroquial do último mês de fevereiro.

Afetuosamente,

Mary C. Clark

Antes de passar para outros casos, é conveniente examinar um pouco mais em detalhe o caso precedente. A visão percebida pela moribunda Sra. B. não era devida, evidentemente, ao sentido visual normal, pois se assim fosse, todas as outras pessoas presentes teriam

visto as imagens. Portanto, a aparição não era produzida por nenhum objeto material, nem mesmo é provável que fosse devida à ilusão, isto é, a uma confusão com um objeto material realmente visível – como quando se confunde um roupão com uma mulher – pois não somente nada havia no quarto que pudesse sugerir semelhante ilusão, mas porque além disso, a Sra. B. reconheceu o pai e a irmã, sendo que ignorava a morte desta última. Uma explicação mais provável é que foi uma alucinação, que poderia descrever-se como “uma percepção sensorial que não tem contrapartida alguma no campo da visão”.

A questão é, pois, saber se foi simplesmente uma alucinação ilusória, que é aquela que não corresponde com nada, ou uma alucinação verídica, que é a que corresponde com um acontecimento real, que era invisível à visão normal. Não se deve confundir isto com uma ilusão, denominação que se aplica aos casos em que não existe uma realidade correspondente. Existem muitos casos conhecidos de ilusões visuais vívidas, que às vezes acompanham o despertar de um sonho, como quando uma imagem sonhada persiste por curto espaço de tempo ou quando certas pessoas enxergam vividamente rostos na escuridão. Estas ilusões recebem o nome de hipnagógicas. Este tipo de impressões exteriorizadas é origem freqüente de aparições imaginárias, como aquelas que as pessoas nervosas acreditam ver quando passeiam à noite em lugares solitários. Muitos dos meus leitores poderiam pensar que esta explicação simples é aplicável à visão que acabamos de relatar, despachando a questão toda dizendo tratar-se de uma simples coincidência. Se este caso fosse único, tal explicação seria provável. No entanto, ver-se-á que não é possível atribuir a uma simples coincidência os numerosos casos relatados. Outra explicação é a criação da alucinação no receptor por uma transmissão do pensamento ou influência telepática das pessoas ao

seu redor. No caso descrito, entretanto, não é aplicável esta explicação, pois a Srta. Barrett e a Dra. Phillips nada sabiam acerca do falecimento do pai da moribunda, quando esta, olhando fixamente um ponto, disse: “Como! Mas se é o meu pai! Como ele está feliz porque eu vá”. E o seu marido também não estava presente naquele momento. Por outro lado, é possível que o leitor cético negue a existência da telepatia e rejeite toda explicação baseada em tal fundamento.

O caso seguinte foi-me relatado nos EEUU, e a sua autenticidade é garantida pelo prestígio de um senhor distinto, o Dr. J. Minot Savage, com quem eu me relacionava. Dr. Minot Savage foi, durante muitos anos, um valioso membro de nossa SPR e morreu em 1920. Dr. Hyslop (\*) relatou o seguinte caso em seu livro "Pesquisa Psíquica e a Ressurreição (Boston, EUA, 1908, pág. 88.), e salienta: O Dr. Savage deu-me a conhecer pessoalmente os fatos, e facilitou-me os nomes e endereços das pessoas em cuja autoridade baseou-se para contar os incidentes”, que o Dr. Savage narra da seguinte forma:

*(\*) Nota do autor: como o nome do Dr. Hyslop pode não ser familiar a alguns dos meus leitores, direi que ele foi, durante alguns anos, professor de Ética e Lógica na Universidade de Columbia (Nova York). Estudou alguns anos na Alemanha, onde se doutorou em filosofia, e era também doutor em leis. Ele era, inicialmente, um crítico cético e severo das pesquisas psíquicas, mas depois convenceu-se da importância do problema e deixou a sua cátedra universitária e todos os seus rendimentos pecuniários para se dedicar, pelo resto da sua vida, à investigação de fenômenos psíquicos. Aplicou a isso um zelo, uma energia e uma concentração consideráveis e, de fato, sacrificou a vida pelo incessante trabalho que envolvia as funções de tesoureiro, secretário honorário e pesquisador da SPR dos EUA. Sua produção literária foi enorme. Parecia viver, mover e ter todo o seu ser na*

*investigação psíquica, com exclusão de quase todas as outras coisas. Ele passou algum tempo comigo na Irlanda e pronunciou uma documentada palestra na secção de Dublin recentemente fundada da S.P.R. Faleceu em 1920.*

Em uma cidade vizinha viviam duas meninas chamadas Jennie e Edith, uma delas tinha uns oito anos de idade, e a outra, pouco mais. Eram colegas e íntimas amigas. Em junho de 1889, ambas ficaram doentes de difteria. Na quarta feira, ao meio-dia, Jennie morreu. Então os pais de Edith, como também o seu médico, tiveram grande cuidado em ocultar-lhe o fato de que sua amiguinha tinha partido para sempre. Receavam o efeito que a notícia poderia causar à sua própria saúde. Para provar que atingiram o seu propósito e que ela não sabia de nada, podemos dizer que no sábado 08 de junho, ao meio-dia, e pouco antes de deixar de ser consciente de tudo o que se passava ao seu redor, apanhou duas fotos de si mesma para enviá-las a Jennie, e também disse a aqueles que a cuidavam que a despedissem dela.

Edith morreu às seis e meia da tarde, em 08 de junho, sábado. Acordou e despediu-se das suas amigas e começou a falar na morte sem aparentar medo. Acreditava estar vendo amigas suas que ela sabia já terem falecido. Até aqui tudo era igual a outros casos semelhantes. Mas, de repente, e com uma expressão de grande surpresa, voltou-se para o pai e exclamou:

"Papai, estou levando a Jennie comigo!" E acrescentou: "Oh, papai! Você nunca me disse que a Jennie estava aqui!" E imediatamente estendeu os braços, como em uma acolhida e disse: "Oh, Jennie, estou tão feliz por você estar aqui!" Em relação com este caso, o Dr. Savage observa que é difícil explicar o incidente por qualquer teoria comum das alucinações. Se esta visão fosse um caso isolado, talvez pudesse explicar-se por uma mera coincidência casual; mas como faz parte de

um considerável grupo de casos análogos, resulta incrível a explicação de que fosse uma coincidência devida ao acaso.

Meus leitores, sem dúvida, vão concordar com a observação do Dr. Savage à medida que lerem os demais casos narrados neste volume.

O seguinte caso foi descrito em um trabalho de contribuição à S.P.R. escrito pelo Sr. Edmund Gurney e o Sr. F.W.H. Myers (Proceedings, S.P.R., vol. V, pág. 459). Estes o conheceram através do Reverendo C. J. Taylor. O narrador, que não quer ver publicado o seu nome, foi o Vigário de H.:

Nos dias 2 e 3 de novembro de 1870, perdi os meus dois filhos mais velhos, David Eduardo e Harry, que tinham 3 e 4 anos de idade, respectivamente, vítimas da escarlatina.

Harry morreu, em 2 de novembro, em Abbot's Langley, a quatorze milhas da minha freguesia em Aspley, e David morreu no dia seguinte, neste último lugarejo. Uma hora antes de morrer, David sentou no leito, e indicando um lugar ao pé da cama disse claramente: "Harry está ali me chamando." Estou convencido da verdade deste fato e estas palavras foram ouvidas também pela enfermeira.

X. Z. Vigário de H.

Em cartas e conversações com o Sr. Podmore, o Sr. Taylor acrescenta os seguintes detalhes: "O Sr. Z. (o vigário) disse-me que teve o cuidado de evitar que David soubesse que Harry tinha falecido e que tem certeza de que David não sabia. O mesmo Sr. Z. estava presente e ouviu o que o menino falou. Ele não estava delirando naquele momento", disse.

O caso seguinte foi relatado à S.P.R. (Proceeding, S.P.R., vol. V, pág. 460) pelo Reverendo J. A. Mc Donald, que ajudou utilmente a Sociedade durante alguns anos na criteriosa reunião de provas. O Sr. McDonald soube-o diretamente pela Srta. Ogle, irmã da pessoa que

teve a visão. Ela escreveu o que segue:

Meu irmão, John Alkin Ogle faleceu em Leeds em 17 de julho de 1879. Uma hora antes de expirar, viu seu irmão – falecido uns dezesseis anos antes – e John, elevando o olhar com grande interesse, exclamou: “Joe! Joe!” E, agradavelmente surpreso, imediatamente depois falou:

"Jorge Hanley!" Minha mãe, que tinha chegado de Melbourne, a umas quarenta milhas de distância, onde residia Jorge Hanley, ficou atônita ao ouvir aquilo e disse: “Que estranho que ele visse o Jorge Hanley! Faz só dez dias que ele morreu!” Depois, voltando-se para a minha cunhada, perguntou-lhe se alguém tinha revelado ao John o falecimento de Jorge Hanley, ao que ela respondeu negativamente. Minha mãe era a única pessoa entre os presentes que tinha conhecimento do fato. Eu estava lá e presenciei tudo que acabo de contar.

Harriet H. Ogle

Em resposta a várias perguntas, a Srta. Ogle diz: “J. A. Ogle não delirava nem tinha perdido a consciência quando pronunciou as palavras citadas. Jorge Hanley era conhecido de John A. Ogle, mas não um amigo particularmente familiar. A morte de Hanley não foi mencionada ao alcance do seu ouvido.”

A “Revue Spirite” do mês de dezembro de 1924 contém o interessante caso seguinte:

A revista “Verdade e Luz”, de São Paulo (Brasil), no seu número do mês de setembro de 1924, faz observações sobre o notável incidente do qual foi protagonista a moribunda Adamina Lázaro.

Poucas horas antes de morrer, a paciente disse à sua mãe que estava vendo, junto ao seu leito, vários membros da família falecidos alguns anos antes.

O pai atribuiu ao delírio esta declaração “in extremis”, mas

Adamina insistiu com novas frases e, entre os “visitantes” invisíveis, mencionou seu próprio irmão Alfredo, que se achava, naquele momento, a uma distância de 423 km, no farol do porto de Sisal.

O pai convenceu-se cada vez mais do caráter imaginário destas visões, sabendo bem que o seu filho Alfredo gozava de perfeita saúde, pois dias antes recebera notícias suas que não podiam ser melhores.

Adamina morreu naquela mesma noite e na manhã seguinte seu pai recebeu um telegrama que informava da morte do jovem Alfredo. Uma comparação do tempo transcorrido prova que a moribunda ainda vivia quando a morte de seu irmão ocorreu.

O caso seguinte deve-se ao Sr. C. J. Hans Hamilton, que o traduziu da revista “Psychica”, de 1921, publicada na França. Foi facilitado pelo Sr. Warcollier, do Instituto Metapsíquico de Paris. É este:

Meu tio, o Sr. Paul Durocq, deixou Paris em 1893 para fazer uma viagem à América em companhia de minha tia e outros membros da família. Quando estavam na Venezuela meu tio ficou doente com febre amarela e morreu em Caracas em 24 de junho de 1894.

Pouco antes de morrer e quando estava rodeado de toda a sua família, teve um prolongado delírio no qual proferiu os nomes de alguns amigos que tinha deixado na França, que acreditava ver. “Caramba, caramba, você também... e você... você também!...”

Embora surpreendidos por este incidente, ninguém deu grande importância a estas palavras no momento em que foram proferidas. Mas, posteriormente, adquiriram uma importância excepcional quando, de volta em Paris, a família encontrou os obituários dos mencionados pelo meu tio antes de morrer, os quais tinham falecido antes dele. Até data recente não pude recolher o depoimento dos dois únicos sobreviventes deste evento, os meus primos Germana e Mauricio Durocq.

Germana Durocq relata o que segue:

Você pediu-me detalhes da morte do meu pobre pai. - Ainda me lembro bem dele quando jazia moribundo, embora muitos anos tenham se passado. O que com certeza interessa a você é que ele disse que tinha visto pessoas no céu e falado amplamente com elas. Ficamos muito surpresos quando, tendo voltado à França, encontramos o obituário das mesmas pessoas que ele tinha visto no momento de morrer. Maurício, mais velho do que eu, poderia dar-te mais detalhes sobre este assunto.

Mauricio Durocq disse:

A respeito do que você me pergunta sobre a morte do meu pai, ocorrida faz bastante tempo, lembro que poucos momentos antes de falecer, ele pronunciou o nome de um dos seus velhos amigos – o Sr. Etcheverry – com o qual não se relacionava nem sequer por correspondência desde muito tempo atrás, exclamando: “Ah, você também!”, ou algo parecido. Até estar de volta em Paris, não vimos o obituário deste senhor. Talvez meu pai tenha pronunciado outros nomes, mas eu não me lembro.

O Sr. Hans Hamilton, que traduziu e me enviou o relato citado, faz os seguintes comentários:

As datas de falecimento das pessoas vistas pelo Sr. Durocq ao agonizar deveriam ter sido comprovadas quando a família retornou a Paris, pois por não tê-lo feito, não temos a certeza de terem falecido antes que o Sr. Durocq. No entanto, toda a história faz pensar que é mais do que provável que a família não se esquecesse de conferir esse ponto, e o Sr. Warcollier diz em seu relato que as pessoas em questão já tinham falecido na época das aparições.

O seguinte incidente foi enviado ao “Spectator” por H. Wedguerood em 1882. É este:

Faz uns quarenta ou cinquenta anos, uma jovem, minha parenta

próxima, agonizava vítima da tuberculose. Tinha ficado alguns dias em um estado de grande prostração, sem se aperceber de nada, quando de repente abriu os olhos e olhando para cima, disse lentamente: “Suzana..., e Joana..., e Helena”, como se reconhecesse as suas três irmãs, que tinham falecido anteriormente da mesma enfermidade. Depois, prosseguiu após uma breve pausa: “E Eduardo também!” (era um irmão seu, que se supunha são e salvo na Índia), como se ficasse surpreso de vê-lo entre suas irmãs. Nada mais disse e, pouco depois, faleceu. Passados os dias exigidos pelo correio, chegaram cartas da Índia anunciando o falecimento de Eduardo, por causa de um acidente, uma semana antes da morte de sua irmã. Isto me contou uma irmã mais velha que cuidou da moribunda, e que se achava à sua cabeceira quando aparentemente ela enxergou a visão. (Vide a obra de R. Pike, *Life's Borderland and Beyond*, pág. 29.)

A Srta. Frances Power Cobber, autora da obra “*The Peak in Darien*”, relata um incidente notável ocorrido em uma família muito ligada pelo afeto: uma senhora moribunda, mostrando uma expressão de prazerosa surpresa, disse ver um após outro os seus três irmãos falecidos muito tempo atrás, mas depois aparentemente reconheceu um quarto irmão, que os presentes julgavam vivo na Índia. A associação do seu nome com o dos seus irmãos defuntos suscitou tal espanto e tal horror no espírito de um dos presentes, que se precipitou para fora do quarto. Transcorrido o devido tempo, receberam cartas que informavam da morte do irmão na Índia, ocorrida pouco tempo antes que a sua moribunda irmã acreditasse reconhecê-lo.

O Dr. E. H. Plumptre (deão de Wells) fez notar em uma comunicação ao “*Spectator*” de 26 de agosto de 1882:

Jazia a mãe de um dos primeiros pensadores e teólogos do nosso tempo no seu leito de morte no mês de abril de 1854. Tinha passado

alguns dias em um estado de absoluta inconsciência. Pouco antes de morrer saíram de seus lábios as seguintes palavras: “Aí estão todos... Guilherme, Isabel a Emma e a Anita.” Após uma pausa, disse: “E a Priscila também!”

Guilherme era um filho seu, falecido na infância e cujo nome não saíra dos lábios da mãe desde vários anos atrás. Priscila falecera dois dias antes, mas apesar de ter conhecimento do falecimento, a família não informara a mãe a respeito desse fato. Em relação com a questão tratada neste capítulo, deve-se ler também o caso da Sra. Z. no capítulo V.

### III

## Visões de pessoas cuja morte era conhecida pelos moribundos e visões percebidas também pelos acompanhantes

Eu acredito que nenhuma alma é deixada sozinha para empreender seu vôo invisível para o Paraíso. Eu acredito na “Gloria in Excelsis” onde o radiante hóspede de Deus acolhe o espírito incorpóreo nos confins do novo mundo. Lembro-me de ter ouvido uma vez que um menino moribundo se estremecia, com medo, diante da idéia de ir embora sozinho. Mas justo antes do fim, surgiu um espírito de sublime confiança, a presença sobrenatural de uma visão, a identificação de algum camarada e o menino exclamou: “Não tenho medo. Todos estão aqui...” Acredito que o quarto dos moribundos está cheio de anjos sagrados.

Basil Wilberforce

Existem muitos relatos garantidos por pessoas que assistiram aos últimos momentos de um amigo ou parente, segundo os quais, pouco antes de morrer, o moribundo teve uma visão radiante que iluminava seu rosto de alegria pela aparente identificação de alguém próximo antes de passar para o mundo do invisível.

É desnecessário citar um grande número de casos, uma vez que meus leitores sem dúvida devem conhecer alguns exemplos.

Tais casos não são encontrados em uma só cidade nem em uma só nação, parecem ser mais ou menos comuns em todo o mundo. Eis aqui, por exemplo, um caso acontecido entre os índios de Saskatchewan:

A subdiretora do hospital de Ahtahkakoop, da Reserva de Sandy Lake em Saskatchewan (Canadá), escreve-me em 28 de janeiro de 1925, sobre um paciente de seu hospital, na seguinte forma:

Era um jovem índio, de uns vinte anos de idade, filho do chefe Papewyn, de uma Reserva vizinha. Estava na última fase da tuberculose e foi levado ali para ser cuidado até chegar o seu fim. Ficou alojado em uma cabana, a umas cem jardas de distância.

Afinal, chegou o dia supremo. Era de noite e eu estava com ele.

Jazia tranqüilamente em seu leito quando, subitamente, sentou-se. Estendeu os braços com ansioso gesto e um sorriso radiante iluminou seu rosto. Não era simplesmente um sorriso de prazer, mas algo muito maior. O véu foi levantado e ninguém que olhasse deixaria de perceber que era uma visão gloriosa aquela que encontrava o olhar do moribundo. Depois, reclinou-se no leito, olhou-me com um sorriso e expirou. Tinha passado aquele dia tranqüilo e com conhecimento, sem delirar. Aquilo foi um claro vislumbre dessa vida mais alta onde ele estava prestes a entrar.

R. Hutchinson (subdiretora)

Alguns casos interessantes de visões percebidas por moribundos podem ser encontradas em um livro da Sra. Joy Snell (*The Ministry of Angels*), que foi enfermeira de um grande hospital, e os casos que ela narra são experiências pessoais e não histórias relatadas por terceiros.

A Sra. Snell parece ser uma narradora cuidadosa e consciente, e

facilitou-me gentilmente os nomes e outros detalhes dos casos referidos anonimamente no seu livro.

A seguir copio alguns destes casos, como ela os relatou:

Recordo a morte de uma mulher (a Sra. Brown, de trinta e seis anos de idade), que foi vítima dessa enfermidade terrível: o câncer maligno. Seus sofrimentos eram enormes e ela rezava ansiosamente para que a morte chegasse logo e acabasse a sua agonia.

Subitamente, seus sofrimentos pareceram cessar. A expressão do seu rosto, que um momento antes estava contraído pela dor, mudou para expressar uma alegria radiante. Olhando para o alto, com um fulgor alegre nos olhos, estendeu as mãos e exclamou: “Oh, mãe querida, você veio me buscar! Como estou feliz!”. E dali a um instante, a sua vida física tinha cessado.

À minha memória vem a lembrança de outra morte que ocorreu na mesma época. Esta foi a de um velho soldado (o Sr. Auchterlonie, de cinqüenta e nove anos de idade), que estava na última fase de uma tuberculose contraída enquanto lutava pela pátria. Era corajoso e paciente.

Mas tinha frequentes espasmos de dor que eram quase insuportáveis, e por isso ansiava o alívio, que ele sabia só a morte poderia trazer. Em um destes espasmos, suas feições contraíam-se na agonia ao debater-se para respirar, quando de repente se acalmou. Um sorriso iluminou seu semblante e, olhando para o alto, exclamou com um tom de alegria na voz:

“Marion, minha filha!”. Depois sobreveio o fim. Seu irmão e sua irmã estavam à sua cabeceira.

Esta disse àquele: “Ele viu Marion, a sua filha predileta. Veio levá-lo para onde não mais sofrerá.” E completou com fervor: “Obrigada Senhor! Finalmente encontrou repouso.”

No capítulo VI poderão ser encontrados outros casos relatados

pela Sra. Snell.

A Srta. R. Canton, de Garway Road (Londres), envia-me o caso que transcrevo a seguir com as suas próprias palavras:

Há alguns anos atrás fui a Acton ver uma prima minha que estava muito doente. Sua irmã me disse que na noite anterior, quando ela foi sentar-se em uma cadeira junto ao leito, a inválida exclamou: “Oh, não, J...! Oh, você afastou a mamãe, ela estava sentada aí!” e continuou manifestando-se muito aflita. Minha tia falecera alguns anos antes. A mesma moribunda falou-me disso quando ficamos a sós.

O seguinte é um caso desta natureza traduzido da Revue Spirite do mês de janeiro de 1925:

O Sr. A.R. Besançon escreve o que segue:

Em princípios de fevereiro de 1915, encontrando-me em M., quando só contava dez anos de idade tive a desgraça de perder a minha mãe. A morte foi acompanhada de circunstâncias que vou tomar a liberdade de referir. Minha mãe foi assistida pela minha avó durante a sua enfermidade. Uma noite, esta última ficou surpreendida ao ouvir que minha mãe, que dormia no quarto contíguo, proferia certas frases, entre elas esta: “Por fim posso ver você, Maria. Que bom que você veio. Ajude-me”. (Maria era minha irmã, morta alguns anos antes.) Minha avó pensou que isto era um sonho. Levantou-se e aproximou-se da cama da minha mãe e, para sua grande surpresa, encontrou-a em um estado de absoluta normalidade. Minha mãe falou até da satisfação que tivera ao ver a filha.

Mais tarde, naquela noite, foi retomada a “conversa”. Porém não lhe demos mais atenção. Mas na manhã seguinte minha mãe tinha deixado de existir.

Por outro lado, uma das minhas tias, que morava na vizinha aldeia

de V..., teve naquela mesma noite a impressão de ver a minha mãe. “Passou perto da minha cama sem falar (disse a minha tia no dia seguinte), depois foi abraçar as minhas duas filhas e desapareceu.” Tais são os fatos.

O caso seguinte foi copiado da obra do Sr. Richard Pike, “Life's Borderland and Beyond”, Pág. 46:

No verão de 1883, um jovem chamado Giles, de Nottingham, sofreu a desgraça de perder vários filhos, após longos e penosos períodos de enfermidade. Os dois maiores, Fred e Annie, de sete e oito anos de idade, respectivamente, tinham falecido e sido enterrados, quando dali a algumas semanas seu filho menor mostrou sintomas da proximidade da morte.

O pai e a mãe permaneceram constantemente ao seu lado, como pode ser facilmente entendido, para diminuir, o máximo possível, os sofrimentos do pequeno. Na noite do seu falecimento, o pai aproximou-se à cabeceira com o remédio de costume, quando o menino, sentando-se na cama, exclamou: “Aí estão Fred e Annie.” “Onde meu filho?”, perguntou o pai. “Não está vendo, aí..., aí?”, disse o menino apontando para a parede. “Estão aguardando para me levar com eles.” E, um minuto depois, o pequeno paciente caía morto no travesseiro. É preciso fazer constar que o pai não viu absolutamente a aparição que apontava tão vivamente o seu moribundo filho, mas está completamente convencido da sua realidade.

A Sra. Kinloch, de Boundary Road, St. John's Wood, N.W., remete-me casos de visões de moribundos que lhe foram narrados e que transcrevo com suas próprias palavras:

Minha irmã, recentemente falecida, que estava com minha mãe quando esta morreu, relatou-me que no dia anterior à sua morte minha mãe exclamou de repente: “Oh, olhe aí o seu pai!” e apontou para um canto do quarto, mas minha irmã não conseguiu ver nada.

Uma pobre mulher a quem conheci contou-me no outro dia que, pouco antes de morrer, sua mãe disse de repente: “Tom, acheque mais a barca, não posso entrar nela.” Tom era seu esposo.

Neste caso e nos três seguintes as aparições ao parecer tiveram um objeto mais ou menos preventivo. O incidente foi relatado à diretora da revista *Psychica*, que o julgou tão interessante que solicitou a esta senhora que o repetisse por carta, coisa que ela fez de boa vontade, pedindo, unicamente, que só se publicassem as suas iniciais, embora seu nome e endereço fossem conhecidos pela diretora da revista.

A carta diz assim:

Minha Senhora: Com respeito ao incidente que lhe relatei e que ocorreu faz vários anos, eis aqui os fatos, tal como aconteceram:

Minha filha faleceu aos dezessete anos de idade. Ela permanecera doente uns cinco anos e ficou sem poder sair da cama durante os oito meses que antecederam à sua morte. Em todo esse tempo e até o último momento, conservou um notável grau de inteligência e coragem. Quinze dias antes de falecer, uma noite em que me inclinei sobre a cabeceira do seu leito, vendo-a ensimesmada, perguntei-lhe em que estava pensando. Ela respondeu: “Mãe, olhe ali”, indicando as cortinas de sua cama. Eu segui a direção da sua mão e vi a forma de uma mão completamente branca, que ressaltava com grande claridade na negra cortina. Não tendo idéias espíritas, senti uma intensa emoção e fechei os olhos para não ver nada mais.

Minha filha disse: “Você não me respondeu.” Eu tive a fraqueza de declarar-lhe que não estava vendo nada. Porém, a minha voz trêmula certamente me traía, pois minha filha disse com um ligeiro ar de reprovação: “Oh, mãezinha! Eu vi isto mesmo durante os três últimos dias e à mesma hora. É o meu querido pai que veio para me levar.”

Ela morreu quinze dias depois, mas a aparição não se repetiu. Talvez alcançasse sua maior intensidade no dia que eu a vi.

Z. G.

A diretora de Psychica faz notar: A senhora que assina esta carta não é uma ingênua; e declara que viu a visão junto ao leito de sua moribunda filha e em um momento em que os seus pensamentos estavam bem longe de criar uma forma fantasmagórica.

Carita Borderieux (diretora de Psychica)

O Sr. Hans Hamilton, que traduziu o texto acima, observa: “O interesse deste caso reside no fato de que a aparição teve lugar quinze dias antes da morte, em que foi visível para duas pessoas e em que não cabe a menor suspeita de delírio nem de letargia por parte da menina moribunda.”

Um caso notável de alucinação coletiva (quer dizer, de uma visão percebida também pelos parentes da pessoa moribunda, além de por esta) foi publicado nos Proceedings da S.P.R. de 1889, vol. VI pág. 20. (veja-se, também, a obra Human Personality, vol. II, pág. 334.)

A narradora, Srta. Emma Pearson escreve um relato da enfermidade e morte de uma sua tia, que transcrevemos aqui bastante resumido:

Minha tia, a Srta. Harriet Pearson foi levada muito doente para Brighton, em novembro de 1864, mas ansiava por voltar para sua casa em Londres, onde ela e a sua irmã Ana (morta alguns anos antes) tinham passado realmente a vida inteira. Em conseqüência, tomei as providências necessárias e ela foi transladada para a sua casa. Suas duas sobrinhas (a Sra. Coppinger e Sra. John Pearson), Elisa Quinton (a empregada) e eu ficamos encarregadas de ajudá-la.

Ela piorou cada vez mais. Na noite de 23 de dezembro a Sra. John Pearson permanecia com ela, enquanto a Sra. Coppinger e eu descansávamos no quarto contíguo, tendo deixado entreaberta a porta para podermos ouvir qualquer movimento no outro quarto.

Nenhuma das duas estava dormindo e, de repente, sentamos ambas na cama ao ver que uma figura passava pela porta, coberta com um velho xale, e portando uma peruca com três cachos de cada lado e uma velha touca preta.

A Sra. Coppinger me chamou: “Emma, levante-se. É a tia Ana!” Eu respondi: “É verdade. Isso é que a tia Harriet vai morrer hoje!” Quando estávamos nos levantando, a Sra. John Pearson saiu precipitadamente do quarto da tia Harriet, dizendo: “Era a tia Ana, onde é que ela foi?” Eu disse para tranquilizá-la: “Talvez fosse Elisa que desceu para ver como estava a sua patroa.”

A Sra. Coppinger precipitou-se escadas acima e encontrou Elisa dormindo. Olhou em todos os quartos e não encontrou ninguém e até hoje não foi encontrada explicação alguma para aquela aparição, salvo que foi a tia Ana que veio chamar a sua irmã. A tia Harriet faleceu às seis da tarde daquele mesmo dia. Elisa Quinton, a empregada, confirma o relato transcrito e diz: “olhamos em todos os cômodos, mas não pudemos encontrar ninguém na casa. A Srta. Harriet morreu na tarde daquele dia. Mas antes disse a todos nós que tinha visto sua irmã que viera chamá-la.” Esta última manifestação também foi confirmada pela Srta. Emma Pearson em uma carta posterior, onde diz que lembra sua tia dizendo que “avistou sua irmã, e que veio buscá-la.”

No caso seguinte o propósito preventivo parece fortemente marcado:

Luisa F., de quarenta e oito anos de idade, faleceu após sofrer uma cirurgia no abdômen no mês de janeiro de 1896. Durante a sua enfermidade pediu freqüentemente que, quando se curasse, trouxessem a sua sobrinha Lily, de três anos e três meses de idade, que ela amava muito, para morar com ela no campo. Um mês depois da morte da sua tia, a pequena Lily, que era inteligente e precoce e

gozava de perfeita saúde, freqüentemente parava de brincar para olhar fixamente pela janela.

Sua mãe perguntou-lhe o que ela estava olhando, ao que respondeu: “É a tia Luisa que estende os braços para mim e me chama.” Sua mãe, muito assustada, tratou de distrair sua atenção, mas a menina aproximou a cadeira da janela e continuou olhando por alguns minutos. Seu irmão N. F. que me deu esses detalhes conta: “Eu tinha, então, onze anos e minha irmãzinha disse-me: Vamos! Você não está vendo a Tata? – que era como chamava à sua tia. Claro que eu não vi nada.”

Durante alguns meses a menina não tornou a ver nada, as visões cessaram. Em 20 de maio Lily caiu doente, e quando repousava em seu leito, olhava o teto, dizendo que estava vendo sua tia, que a chamava e estava cercada de anjinhos. “Minha tia veio me buscar, estende os braços para mim” e como sua mãe soluçasse, disse: “Não chore mamãe. É muito lindo, estou rodeada de anjos.”

A menina morreu em 9 de junho, de meningite tuberculosa, quatro meses e meio após a morte de Luisa F.

Esta é a história contada por seu irmão N. F. e confirmada por sua irmã G. F. e sua mãe.

A família vivia muito tranqüilamente em uma cidade provinciana. Nenhum deles tinha conhecimento algum sobre ciências psíquicas.

O caso seguinte apareceu primeiramente no “Religious Philosophical Journal” de 5 de maio de 1894 (vide Human Personality, vol. II, pág. 334). O Sr. B. B. Kingsbury, que o forneceu, manifesta que a informante pertence à Igreja Presbiteriana e que seu esposo confirmou a sua declaração de que o menino ouvia vozes que o chamavam. O Sr Kingsbury acrescenta que ambos os informantes, Sr. e Sra. H., são dignos de crédito. O pai é um tanto “sensitivo” e a mãe teve dois ou três fenômenos de clarividência.

O relato fornecido pela mãe diz assim:

Se alguma vez tenha duvidado de que há outra vida, minha dúvida foi desvanecida por isto que chamo uma visão. Em 1883 era eu mãe de dois meninos fortes e sadios. O mais velho era um menino brilhante de dois anos e sete meses de idade. O outro era uma criança de oito meses. Em 6 de janeiro de 1883 morreu o menor. Ray, meu outro filhinho, gozava naquele momento de um perfeito estado de saúde.

Em todos os dias (e não erraria dizendo que em todas as horas) que se seguiram à morte do pequeno, Ray insistia em dizer-me: "Mamãe, o neném está chamando Ray." Frequentemente abandonava os folguedos e corria para mim dizendo: "Mamãe, o neném vive chamando Ray." Toda noite ele interrompia o meu sono dizendo: "Mamãe: o neném só fica chamando Ray. Quer que Ray vá para onde ele está. Você não deve chorar quando Ray partir, mamãe. Não deve chorar, porque o neném precisa do Ray."

Um dia eu estava varrendo o chão da sala e ele veio correndo o mais rápido que podia, através da sala de jantar, onde estavam a mesa e a cadeira alta do neném (que agora era usada por Ray). Nunca o tinha visto tão excitado. Agarrou-se ao meu vestido e puxou-me para a porta da sala, abrindo-a, e dizendo:

"Mamãe, mamãe, vem depressa! O neném está sentado na sua cadeira alta!"

Enquanto abriu a porta e viu a cadeira, disse: "Oh, mamãe! Porque você demorou? Agora ele foi embora!" Quando Ray passou junto à cadeira, começou a rir. Oh, mas como ria! "Ray vai partir com o neném, mas não precisa chorar mamãe."

Ray ficou logo muito doente. Nada adiantaram cuidados e remédios. Morreu em 13 de outubro de 1883, dois meses e sete dias depois da morte do bebê! Era um menino de grande inteligência e

muito mais desenvolvido do que correspondia à sua idade. Que seja ou não possível os mortos voltarem e que o meu neném tenha voltado e fosse visto pelo seu irmãozinho, é coisa que deixo ao critério de outros.

O Dr. Hodgson, nome bastante conhecido por todos os investigadores psíquicos como um dos investigadores mais escrupulosos e críticos, fez indagações a respeito deste caso e, em resposta às perguntas dele, a Sra. H. escreve:

Defiance, Ohio, 13 de dezembro de 1894. Quando o menino correu para mim, dizendo que o neném estava sentado na sua cadeira à mesa, não havia outras pessoas na casa, a não ser a empregada, o pequeno Ray e eu.

Eu não disse nada à empregada sobre este fato, e ela não ouviu o menino. Mas quando o meu marido veio para jantar, contei a ele o que tinha acontecido. Depois disso falamos livremente sobre o fato aos nossos amigos. O pequeno Ray não sabia nada a respeito da morte. Nunca tínhamos conversado com ele sobre isso, em modo algum. A última vez que o levei ao túmulo do neném, pouco antes de ele cair doente, ficamos sentados junto à sepultura e eu pensei: “Oh, como eu seria feliz se pudesse pegar o meu bebê e contemplá-lo só por um minuto!”

Nesse instante, Ray disse: “Mamãe, vamos pegar o neném e vê-lo um momento. Depois disso nos sentiremos melhor.” Quando abandonávamos o túmulo, Ray acariciou-o com a sua mãozinha e disse: “Ray vai dormir aqui, junto do seu irmãozinho. Não precisa chorar mamãe.” Agora repousa justamente onde ele dizia.

P. S.: Devo adverti-lo de que eu nunca tive grandes conhecimentos sobre o chamado espiritismo moderno, pois nasci e fui educada como presbiteriana, e ainda pertencço a essa Igreja, da qual sou membro ativo.

F. H.

O Dr. Hodgson escreveu também ao Sr. H., que respondeu como segue: 27 de fevereiro de 1895. Posso atestar que minha esposa relatou-me o fato (isto é, que Ray viu o neném na sua cadeira) no dia em que ocorreu, quando eu ia jantar. Era freqüente eu ouvir o nosso filhinho dizer à mãe que o neném o chamava a cada momento.

W. H. B.

O Dr. Hodgson recebeu também a seguinte corroboração:

116 Summit Street Defiance, Ohio 25 de fevereiro de 1895. Senhor: Posso atestar que os Sres. H. falaram-me freqüentemente que Ray viu o neném na cadeira antes de cair doente. Fui informado por eles no dia seguinte ao acontecimento.

Sra. H. Shulters

O próximo caso foi relatado pelo Dr. Pablo Edwards e publicado no jornal Light em abril de 1906.

Vivendo em uma cidade provinciana da Califórnia (E.U.A.), em 1887, fui solicitado para ir visitar uma senhora, grande amiga minha, que estava muito decaída e debilitada por exaustão. Todos sabiam que aquela pura e nobre esposa e mãe estava condenada a morrer e, por último, ela mesma se convenceu de que a morte imediata era inevitável e, em conseqüência, preparou-se para isso. Chamando os filhos à sua cabeceira, foi beijando-os, um por um, e dispensando-os após dar-lhes o seu adeus. Depois foi a vez de o marido subir para despedir-se da mais amante das esposas, que mostrava uma perfeita clareza mental.

Começou por dizer-lhe: “Newton (este era o seu primeiro nome), não chores por mim, pois não sofro e estou completamente serena. Amei-te na terra e continuarei te amando depois da minha partida. Estou decidida a voltar para ti, se tal coisa é possível e, se não é

possível, velarei por ti e pelos meninos lá do céu, onde aguardarei a chegada de todos vocês. Agora o meu maior desejo, é partir... Vejo pessoas que se movem... todas de branco. A música é estranhamente encantadora! Oh! Aqui está Sadie! Está comigo... e sabe quem sou.”

Sadie era uma menina que ela perdera uns dez anos antes. “Sissy! – disse o marido – Tu deliras!”

“Oh, querido! Por que me chamaste aqui outra vez? – disse a esposa. Agora será mais trabalhoso eu partir novamente. Estava tão feliz lá... Era tão delicioso... tão reconfortante!” Dali a uns três minutos a moribunda disse: “Torno a partir e não voltarei, nem mesmo se me chamares.”

Esta cena durou uns oito minutos. Era notório que a moribunda tinha plena consciência dos dois mundos naquele momento, pois descreveu o aspecto das figuras que se moviam no Além, enquanto dirigia suas palavras aos mortais deste mundo.

... Acho que de todas as cenas de mortes que presenciei, esta foi a mais impressionante, a mais solene.

Uma amiga, a Srta. Dallas enviou-me alguns casos de visões de moribundos ocorridas com pessoas que ela conhecia.

Em um destes casos, o rosto da mãe de uma amiga sua iluminou-se de repente, pouco antes de morrer, com um brilho intenso. Quando aquilo passou, a moribunda abriu os olhos e disse que tinha contemplado o Céu e visto muitas pessoas cujas mortes eram conhecidas por eles; e também, que muitas das coisas que tinha visto eram impossíveis de descrever. Pouco depois faleceu.

Em outro caso, a Srta Dallas fala de uma viúva que vivia com o filho mais novo, chamado Jim, que mais tarde veio a falecer por depauperamento. A Srta. Dallas visitou a mãe pouco depois da morte do filho e fez as seguintes anotações em seu caderno naquele mesmo dia:

Jim falecera numa quinta feira e, no sábado anterior, seu fim parecia estar próximo. No entanto, reanimou-se e disse a sua mãe que tinha visto algo belíssimo. Tornou a sofrer outra recaída e, ao voltar a si, disse que tinha visto duas de suas irmãs e um irmão, falecidos anteriormente, mas acrescentou: “Mamãe, não consigo encontrar a Bessie.” A mãe disse para a Srta. Dallas que Bessie falecera doze anos antes, quando Jim ainda era um menino. Depois daquilo, Jim não demorou em falecer.

O caso seguinte é retirado do Boletim da S.P.R. norte-americana do mês de julho de 1909, pág. 422. Seu diretor, o professor Hyslop, relata como chegou às suas mãos a carta original e observa que isto pode considerar-se como uma prova documental do incidente descrito. A carta original foi incluída em outra dirigida ao diretor da Open Court, conhecida revista norte-americana. Nela o autor, o Sr. William C. Church manifesta que a carta que remete foi dirigida ao falecido capitão J. Ericsson, inventor do monitor, por Lady Ellen Chute, parente de sua esposa, e referia-se à morte da cunhada de Ericsson, Luisa Browning. A “Amélia”, a que faz referência na carta, era a esposa do capitão Ericsson, falecida em julho de 1867, muitos anos antes, e a “tia Luisa Browning” era a irmã de “Amélia”.

Bracknell, Berks, 5 de novembro de 1883. Querido capitão Ericsson: Depois da última vez que lhe escrevi, nossa querida tia Luisa Browning faleceu, na manhã do sábado, 28 de outubro, aos setenta e oito anos de idade. Em seu leito de morte, acreditou ver sua querida irmã (Amélia, a esposa do capitão Ericsson), falecida muito antes. Aqueles que estavam ao seu lado ouviram que ela dizia, apesar de antes ela ter atravessado um estado de absoluta inconsciência: “Oh Amélia! Amélia! E estendeu a mão como para receber alguém que os terrenos olhos dos presentes não podiam ver, e depois, tudo terminou...”

Sinceramente sua,

Ellen Chute

Neste abreviado caso (veja-se a obra de R. Pike *Life's Borderland and Beyond*, pág. 28, na qual é mencionado o *Atlantic Monthly*, de março de 1879, como fonte de origem), as canções e a voz do visitante invisível foram ouvidas tanto pela mãe como pela filha moribunda; e um primo da menina falecida acreditou ter uma visão desta e ouviu um anúncio da sua morte.

A Sra. G. tinha estado na campina, visitando sua cunhada, junto com as filhas, Minnie e Ada, de oito e nove anos de idade, respectivamente. Porém, tendo alugado uma casa perto de Londres, enviou ali as duas filhas com a babá, no trem da manhã, seguindo-as horas depois. Ao anoitecer do mesmo dia, uma das meninas entrou em um quarto da casa que tinham deixado naquela manhã, onde estava estudando um primo seu, que ela estimava muito e disse-lhe:

“Venho dizer-lhe adeus, Walter; já não voltarei a vê-lo mais.” Depois, beijou-o e desapareceu do quarto. O rapaz ficou muito alarmado e atônito, pois ele mesmo tinha visto as meninas e a babá no trem da manhã.

Naquele mesmo momento, as duas meninas sentiam-se repentinamente doentes em Londres, enquanto brincavam em sua nova casa, poucas horas depois da chegada. O médico disse que era varíola, do gênero mais maligno. Ambas as meninas morreram na mesma semana. Mas a menor, Minnie, faleceu antes. No dia seguinte ao seu enterro, a pobre e aflita mãe velava com ansiedade as últimas horas da filha que ainda lhe restava, ciente de que não tinha nenhuma probabilidade de vida. De repente, a menina doente despertou de uma espécie de torpor e exclamou: “Oh, olhe mamãe, olhe que anjos tão formosos!” e apontou os pés da cama. A Sra. G. não viu nada, mas ouviu uma música doce que parecia pairar no ar. A

menina voltou a exclamar: “Oh, mamãe querida, aí está Minnie! Veio me buscar” e sorriu mostrando-se sumamente contente. Naquele momento a Sra. G. ouviu, distintamente, uma voz que dizia: “Vem, querida Ada, estou te esperando!”

A doente sorriu mais uma vez e morreu sem se debater.

Algum tempo antes da sua morte, a pobre mãe surpreendeu uma conversa infantil entre as duas meninas, na qual a menor, Minnie, dizia à outra que tinha certeza de que ela morreria antes e viria, sem dúvida, buscar sua irmã. A mãe recordou durante longo tempo esta conversa, que foi espantosamente comprovada pelos fatos reais. É possível, é claro, que a expectativa da mãe (se naquele momento recordava a conversa das filhas) diminua o valor probatório deste surpreendente caso.

Tem-se relatado o caso do célebre matemático Augustus de Morgan, que durante os dois últimos dias de sua vida deu mostras do próprio desenlace vivenciando a mesma experiência que julgava digna de investigação e registro. O professor De Morgan acreditou reconhecer todos aqueles membros da sua família que tinha perdido – seus três filhos, sua mãe e sua irmã – os quais cumprimentou, chamando-os na ordem inversa daquela em que foram deixando o mundo. Ninguém que o tivesse visto naquele momento poderia duvidar de que aquilo que ele acreditava perceber era, ao menos para ele, visível e real. (Vide R. Pike, *Life's Borderland and Beyond*, pág. 15.)

No seu livro *From Matter to Spirit*, a Sra. De Morgan relata o seguinte incidente que transcreve tal como foi relatado pela mãe do menino moribundo:

A manhã em que John morreu, depois de despedir-se da família toda, permaneceu tranqüilo durante algum tempo e depois falou com voz forte e clara, respondendo evidentemente a uma pergunta que

devia ter ouvido. Ficamos atônitos e paralisados de terror. Sentimos que ele estava vendo e ouvindo um anjo, invisível para todos nós. Depois tornou a falar e disse: “Mamãe, a vovó veio aqui! Você precisa vê-la. Está cercada por muita gente e todos dizem que vieram para me levar com eles.” Pouco depois expirou suavemente.

O reverendo W. G. Horder relata o seguinte incidente: um amigo meu, de espírito incrédulo por natureza, e que nesta ocasião mostrava-se muito cético a respeito da vida futura, contou-me o seguinte incidente, que lhe causara uma profunda impressão e até despertara a sua fé na imortalidade: seu irmão, um jovem de uns vinte e cinco anos de idade, fora atacado de uma meningite que acabou por deixá-lo em um estado de absoluta inconsciência durante cerca de vinte e quatro horas. Mas, pouco antes de morrer, ergueu-se no leito apoiando-se em uma das mãos, e disse: “Quem está aos pés da minha cama?” Sua mãe, que estava à cabeceira, disse: “Não há ninguém, meu filho.” E ele respondeu: “Vocês não estão vendo a Emma (uma irmã falecida) aos pés da cama?” A mãe disse: “Não, ali não há ninguém, meu filho!” “Sim - disse ele. É a Emma. Estou vendo-a. Estou pronto.” E, deitando-se, faleceu. (Vide R. Pike *Life's Borderland and Beyond*, pág. 35.)

Os três casos seguintes foram-me enviados pela Sra. Shepherd Munn, viúva do vigário de Orleton, Brimfield (Herefordshire), que conhecia pessoalmente todas as pessoas mencionadas nos relatos. Essa senhora escreve o seguinte: um rapaz de quatorze anos, chamado Carlos Dyer, que vivia com os pais em Orleton, estava morrendo de exaustão e tinha emagrecido rapidamente em quatro ou cinco meses. Durante todo este período mostrara-se muito brilhante, cheio de interesse por tudo o que o cercava e não parecia reparar no próprio enfraquecimento. Uma semana antes de morrer estava dormindo em um quarto contíguo ao da mãe, mas sem porta

alguma entre eles, quando ele a chamou; ela, ao entrar, encontrou-o muito excitado, falando em uma porta que estava vendo no canto do quarto e que dizia ver abrir-se cada vez mais e, “quando se abrir inteira, eu passarei por ela, mamãe”.

Na manhã do dia em que morreu, tendo saído do quarto a mãe, para ir buscar alguma coisa, ouviu que ele a chamava e, retornando apressadamente, encontrou-o sentado na cama, olhando na direção do canto do quarto; então, ele disse: “Veio um bom velhinho para me buscar e estende os braços para mim. Tenho que partir. Não me toque, mamãe”, e deixando-se cair suavemente na almofada, expirou sem estertor algum, com um sorriso de satisfação no semblante, que não mais desapareceu. Sua mãe ficou extasiada e veio naquela mesma manhã contar o fato. A impressão que isto lhe causou persiste até o dia de hoje, e tem exercido em sua vida uma saudável influência.

O caso seguinte, relatado também pela Sra. Shepherd Munn ocorreu alguns anos antes que este último, mas está relacionado com a mesma família.

Um velho, chamado John George, avô de Carlos Dyer, o rapaz ao qual acabamos de aludir, estava agonizando. Ele e sua esposa, Mary Ana George, caíram em grande tristeza pela morte, naquele mesmo ano, de Tom, o seu filho menor, jovem que morrera na linha ferroviária onde trabalhava.

O moribundo velho tinha passado algum tempo tranqüilo, como se dormisse, quando de repente endireitou-se, abrindo desmedidamente os olhos e, olhando do lado oposto da cama ocupada por sua esposa, exclamou: “Como! Aqui está o Tom e está perfeito, não tem cicatrizes! Oh! O seu aspecto é magnífico!” Depois de uma pausa acrescentou: “E aqui está Nance também!” Outra pausa e, depois: “Mulher, ela está muito bem! Foi perdoada!” E, logo após, o

ancião expirou, levando consigo um pesar que apertava há longo tempo o coração da mãe, pois Nance incorrera em pecado e morreria logo após o nascimento do menino e, como a pobre mãe pensava, “sem ter tido tempo de se arrepender”.

O caso seguinte foi fornecido também pela Sra. Shepherd Munn, e como os precedentes, foi ocorrido em Orbeton (Herefordshire):

Uma mulher, chamada Mary Wilding, agonizava vítima de um câncer. Amava apaixonadamente o marido, Charles Wilding. Ambos tinham trabalhado juntos, educado os filhos, juntado algum dinheiro e adquirido uma linda casinha em Orbeton, onde passaram juntos alguns anos confortáveis e felizes. Quando ela compreendeu que ia morrer e deixar “Charlee”, sentiu-se muito infeliz, fazendo-os sofrer muito, irritando-se e lamentando-se do seu destino. Um dia, em que se aproximava o fim, e estando a sós com ela no quarto uma sua irmã, que ajudava a cuidar dela, Mary Wilding alçou a vista, de repente, com radiante expressão e disse: “Oh, Emmie, mamãe está aqui! Veio me buscar e vai me levar com ela!” Não perdeu mais a sensação de confiante alegria, e expirou no dia seguinte com absoluta tranqüilidade.

O Dr. Hyslop relata o seguinte caso, que soube por um seu amigo, de cujo testemunho não tem motivos para duvidar:

Naquela tarde (14 de maio de 1906), visitei uma senhora cujo filho, menino de nove anos de idade, falecera duas semanas antes. Este menino fora operado de apendicite uns dois ou três anos antes, sofrendo ao mesmo tempo uma peritonite. Conseguiu restabelecer-se e durante algum tempo parecia sentir-se bem. Mas voltou a adoecer e foi levado a um hospital para ser operado. Ali conservou um raciocínio perfeito, reconhecendo seus pais, o médico e a enfermeira quando se viu livre da influência do anestésico. Sentindo que o fim estava próximo, pediu à mãe que pegasse em suas mãos até

ter partido. A seguir, levantou a vista e disse: “Mamãe querida, você não está vendo aí a minha irmãzinha?”. “Não. Onde está?”. “Aí, à direita! Está me olhando.” Então a mãe, para tranquilizá-lo, disse que estava vendo a menina. Em poucos instantes, o semblante do menino iluminou-se alegremente, e falou: “Lá vem a Sra. C. (uma senhora muito estimada por ele, falecida uns dois anos antes) e sorri para mim como costumava fazer. Está sorrindo e quer que eu vá.” Daí a momentos, acrescentou: “Lá está Roy! Vou embora com eles. Eu não queria deixar vocês, mas em breve virão comigo, não é verdade? Abram a porta e deixem eles entrarem. Estão esperando lá fora”, e o menino expirou.

A mãe confirma este relato e uma indagação aclarou os fatos seguintes:

A “irmãzinha” a que se refere o menino falecera anos antes de ele nascer. “Roy” é o nome de um amigo do menino, falecido um ano antes.

O caso seguinte está tirado da “Vida do Reverendo Dwight L. Moody”, o célebre evangelista dos Estados Unidos. Os últimos momentos do Sr. Moody são descritos pelo seu filho, o biógrafo, da seguinte forma:

De repente murmurou: “A terra retrocede, o céu abre-se diante de mim. Atravessei as portas, Deus me chama; não me façam voltar. É belíssimo! Parece um transe! Se isto é a morte, como ela é doce!” Depois, iluminou-se o seu semblante e disse com um tom de êxtase prazeroso: “Dwight! Irene! Estou vendo os rostos dos meninos!” (Referia-se aos seus dois netinhos que tinham falecido antes.)

Voltando-se para a esposa, acrescentou: “Mulher, você foi uma boa esposa para mim” e, após isto, perdeu a consciência.

O caso seguinte é narrado pelo Sr. Alfredo Smesley no seu livro “Reminiscences” (págs. 50 e 51). Faz um relato dos últimos

momentos de sua esposa e diz:

Pouco antes de fenecer, fixando a vista em algo que parecia enchê-la de agradável surpresa, exclamou: “Como! Aqui está a minha irmã Carlota, mamãe, papai, meu irmão João e minha irmã Maria! E agora trouxeram Bessie Heap! Todos vocês estão aqui! Oh! Que lindo! Você não está vendo?’, perguntou.

“Não, minha querida, embora bem o quisesse”, respondi eu. “Você não está vendo? - insistiu ela surpresa - “Mas eles estão todos aqui e vieram para me levar com eles!” A seguir, acrescentou: “Uma parte da nossa família cruzou o rio e em breve a outra parte reunir-se-á em casa e, então, seremos uma família completa no céu.”

Esclareço que Bessie Heap fora uma babá de confiança da família e minha esposa sempre foi a sua favorita. Depois do êxtase descrito, minha esposa demorou-se, ainda, algum tempo.

Mais tarde, tornando a fixar a vista no alto e elevando as mãos, uniu-se ao séqüito de anjos amigos que viera para levá-la a esse esplendoroso mundo espiritual, do qual ela sabia tão pouco.

O caso seguinte (veja-se *Psychical Research and the Resurrection*, de J.H. Hyslop, Boston, U.S.A., 1908, pág. 97) foi fornecido com base no prestígio do Dr. Wilson, de Nova York, que estava presente, alguns anos atrás, no falecimento do conhecido tenor norte-americano Sr. James Moore, paciente seu. O Dr. Wilson narra o seguinte relato: Eram quatro horas da madrugada e a alvorada, que estivera aguardando, infiltrava-se pelas frestas das janelas, quando ao inclinar-me sobre o leito, observei que tinha uma expressão serena e a vista clara. O infelizmente alçou a vista para olhar-me e tomando uma das minhas mãos com ambas as suas, disse: “O Sr. tem sido um bom amigo, doutor. Tem estado ao meu lado”.

Depois aconteceu algo que não esquecerei até a minha última hora, algo completamente indescritível.

Aparentava gozar de um perfeito raciocínio e uma lucidez como qualquer outro homem e o único modo como posso expressá-lo é que foi transportado a outro mundo e, embora não posso explicar satisfatoriamente o fato por mim mesmo, estou plenamente convencido de que entrou na Cidade Dourada, pois disse com uma voz mais forte do que aquela que usava desde que eu o assistia: “Aí está a minha mãe! Como, mãe! Você veio me ver? Não, não: eu é que parto agora para ver você. Espere um momento mamãe. Quase terminei. Posso saltar. Espere mãe.”

O seu semblante tinha uma expressão de felicidade impossível de explicar e a maneira como pronunciou suas palavras impressionou-me como nunca fui impressionado e estou tão firmemente convencido de que ele viu e falou com a mãe quanto de que estou sentado aqui.

Com a finalidade de recordar o que achei da sua conversa com a mãe e também para conservar um relato do acontecimento mais impressionante da minha vida, anotei, imediatamente, todas as palavras que ele disse... Foi esta uma das mortes mais belas que tenho presenciado.

Uma amiga, a Sra. Carter, de St. Erth, Hayle (Cornwall), remete-me o caso seguinte, que aconteceu em 13 de abril de 1924, em sua presença, escrevendo as seguintes notas uns dias depois. Diz assim:

No sábado, 13 de abril eu fui a Hillside cuidar do Sr. Williams, que estava morrendo de exaustão, a fim de que os seus familiares pudessem descansar um pouco. Este senhor permanecia em um estado físico calamitoso. Não podia ficar deitado e sua respiração era muito trabalhosa, tendo de manter a cabeça elevada a alguns centímetros do colchão.

Subitamente ergueu-se, estendeu as mãos e disse com grande claridade, como se falasse a alguém que estava presente e que se

agradava de ver: “Edmundo! Querido irmão Edmundo!”. Eu estava a sós com ele naquele momento. Mais tarde, quando a família retornou ao quarto, contei-lhes no ato o que ele dissera e, então, fiquei sabendo por meio deles que o seu irmão Edmundo tinha falecido.

Durante o tempo que estive com ele – das três e quinze até as nove e quinze – embora sempre respirando muito trabalhosamente, parecia falar com plena consciência e chamou os diversos membros da sua família. Ele me reconheceu muito bem, beijou a minha mão e chamou-me pelo meu nome. Também pediu água algumas vezes, e chá quente. Apesar dos grandes sofrimentos físicos, a sua confiança em Deus não foi abalada e era sumamente comovedor ouvi-lo dizer, a intervalos: “Senhor, deixa-me partir!”.

Contaram-me que antes de eu chegar, exclamara: “Sra. Hooper!”. Esta era uma amiga sua falecida uns dezoito meses ou dois anos antes. Ele faleceu uma dez horas depois de eu sair.

O seguinte relato dos últimos dias de uma menina foi publicado no Boletim da S.P.R. norte-americana, dirigido pelo Dr. James H. Hyslop (vol. XII número. 6), e a Srta. H. A. Dallas (vide *The Nurseries of Heaven*, de Vabe Owen y Dallas, Londres, 1920, pág. 117) transcreveu um relato consideravelmente abreviado, do qual damos a seguir um resumo:

Daisy Irene Dryden nasceu em Maryswill, Yuba County (Califórnia), em 9 de setembro de 1854 e morreu em São José (Califórnia) em 8 de outubro de 1864, com 10 anos e vinte e nove dias de idade.

Sua mãe escreve: No verão de 1864, Daisy foi atacada de febre biliar. Depois de cinco semanas de doença, a febre a abandonou e durante duas semanas parecia continuar recuperando as forças. Sorria e cantava e tornava a parecer a mesma, até que uma tarde, o seu pai, que estava junto ao seu leito, percebeu uma expressão

singular no seu semblante. Refletia às vezes alegria e outras, assombro. Seu olhar dirigia-se a um ponto situado em cima da porta. O pai perguntou-lhe: “Daisy, o que é? O que é que você está vendo?”. Ela respondeu docemente: “É um espírito, é Jesus, que diz que eu vou ser um dos seus cordeiros.” “Oh, papai! – exclamou ela – “Vou para o céu, vou a Ele!”

Aquela noite a menina caiu doente, com gastrenterite, e viveu somente quatro dias.

Durante as primeiras vinte e quatro horas seu sofrimento era grande, não podendo tomar alimento, nem água, nem remédios. Passado esse tempo, teve escassas dores. Seu pobre corpinho estava, na realidade, tão extenuado, que pouco lhe importava a enfermidade. Mas seu espírito mostrava-se muito ativo e notavelmente lúcido. Suas faculdades pareciam aguçadas. Recordava versos aprendidos no colégio, pois sempre gostou de aprender poesias de cor. E quando Lulu cantava hinos da Doutrina, ela dizia o nome do cântico e a página onde se encontrava.

Gostava de nos ouvir ler os Evangelhos para ela. Eu li no de São João: “É conveniente para vós que eu parta, pois se eu não for o Consolador não virá a vós; porém se eu partir, eu vo-lo enviarei.” Nisto ela alçou a vista e com um olhar celestial falou: “Mamãe, quando eu for embora, o Consolador virá a vocês, e quem sabe vai me deixar voltar também algumas vezes. Vou perguntar ao Allie sobre isso.” Depois daquilo, ela repetiu essa mesma frase freqüentemente, quando estava em dúvida sobre alguma coisa.

Allie era um seu irmão que sete meses atrás passara para a outra vida, aos seis anos de idade, vítima da escarlatina. Parece que ele ficava a maior parte do tempo com a menina durante aqueles três últimos dias, porque quando fazíamos perguntas que ela não podia responder, costumava dizer: “Esperem o Allie chegar, então eu

pergunto a ele”. Naquela ocasião só esperou um instante, e então disse: “O Allie diz que posso visitar vocês algumas vezes. Diz que é possível, porém vocês não vão perceber quando eu estiver aqui; mas poderei falar com vocês através do pensamento.”

Como já disse, Daisy ficou às portas da morte durante três dias depois das primeiras 24 horas de agonia. Sua armação física estava tão enfraquecida que quase nem mesmo podia reter, no seu frouxo abraço, o espírito que se mostrava a nós, por assim dizer, através do tênue véu da extenuada carne que o envolvia. Durante esse tempo ela vivia em ambos os mundos, segundo ela mesma dizia. Dois dias antes de ela nos deixar, veio visitá-la o Superintendente da Escola Dominical. Quando já estava de saída, o Superintendente disse: “Bom, Daisy, em breve você terá passado o rio escuro”. Quando ele foi embora, ela perguntou ao pai o que significava o “rio escuro”. Ele tratou de explicar, mas ela disse: “Tudo isso é engano. Não há rio nenhum, nem cortina nenhuma, nem mesmo uma linha separando essa vida da outra.” E tirando as mãozinhas do leito, disse gesticulando: “Esta está aqui, e aquela está ali. Eu sei que é assim, porque posso ver vocês todos, e ao mesmo tempo posso ver os outros do lado de lá.” Pedimos para ela nos contar alguma coisa daquele outro mundo e o que ela achava dele, mas ela disse: “Não posso descrevê-lo. É tão diferente, que não conseguiria fazer vocês compreenderem.”

“Olhe: talvez o Evangelho fale em moradas somente para nós acreditarmos que vamos ter uma morada no céu, e talvez quando eu for lá vou encontrar um lar. E se for assim, as flores e as árvores celestiais que eu tanto gosto aqui – pois já posso vê-las e sei que são mais formosas do que vocês poderiam imaginar – vão estar lá também.” Eu disse a ela: “Daisy, você não sabe que a Bíblia descreve o céu como se fosse uma linda cidade?” Ao que ela objetou: “Eu não

estou vendo uma cidade.” E acrescentou, com expressão intrigada: “Não sei. Talvez precise ir lá antes.”

A Sra. W., nossa gentil vizinha que leu para Daisy sobre as moradas, e que ficou muito tempo conosco, falou com a Sra. B., outra das vizinhas, sobre a clarividência de Daisy. A Sra. B. era uma pessoa que não acreditava em um estado futuro. Por outro lado, estava mergulhada em funda tristeza, porque acabava de perder o marido e um filho de cerca de doze anos de idade, chamado Bateman. Certa noite veio com a Sra. W., e sentando-se junto ao leito, começou a fazer perguntas.

Daisy disse: “Bateman está aqui. Ele diz estar vivo e sentir-se bem. Está em um lugar tão bom que por nada do mundo voltaria para casa. Diz que está aprendendo a ser bom.” Então a Sra. B. disse: “Pergunte a ele se tem visto o pai.”

Daisy respondeu: “Diz que não, que ele não está aqui, e diz à senhora: “Mãe, não fique aflita por mim, foi melhor não crescer.” Esta comunicação deu muito que pensar à mãe, a qual adquiriu grande firmeza na crença de uma vida futura.

Na manhã seguinte, estando a sós com Daisy, a Sra. W., aquela que trouxe a Sra. B., perguntou a Daisy como podia saber que o filho da Sra. B. era feliz. “Porque quando ele vivia aqui – disse – você sabe, ele era um garoto muito mau. ¿Não lembra que ele costumava blasfemar y tirar de vocês os brinquedos, e quebrá-los? Você sabe que nós não deixávamos que ele brincasse com você nem com os meus meninos, por ele ser assim tão mau.” Daisy respondeu: “Oh, Aunty! A senhora não sabe que ele nunca seguiu a Doutrina e que sempre costumava blasfemar? Deus sabe bem que ele não tinha muitas possibilidades.”

Naquele mesmo dia, estava sentada junto dela a professora da Doutrina, Sra. H., a qual também nos fez não pouca companhia, quando Daisy disse a ela: “Os seus dois filhos estão aqui.” Estes

meninos tinham passado para a outra vida há vários anos atrás, e se tivessem continuado vivendo, agora já estariam quase por completo desenvolvidos. Daisy jamais tinha ouvido nenhuma pessoa falar neles antes, e a mãe deles nem sequer guardava os seus retratos, razão pela qual ela não poderia ter conhecimento algum a respeito deles antes de vê-los no mundo espiritual. Tendo pedido a ela que os descrevesse, sua descrição, que os mostrava mais desenvolvidos, não coincidiu com a idéia que a mãe guardava deles, e por isso falou: “¿Como é possível isso? Eles eram crianças quando morreram”. Daisy respondeu: “Allie diz que as crianças não continuam sendo crianças, mas crescem como acontece nesta vida.” Então a Sra. H. Disse: “Mas a minha pequena Mary caiu e machucou-se de tal modo que não podia manter-se erguida.” Ao que Daisy respondeu: “Agora está perfeita. Está erguida e é muito linda, e o seu filho tem um aspecto nobre e feliz.”

Certa vez, disse: “Oh, papai! Você não está ouvindo? Os anjos estão cantando. Sim, você deve estar ouvindo, porque o quarto está cheio deles e posso vê-los, são muitíssimos. Posso ver em uma distância de milhas e milhas.”

A Sra. W., já mencionada, e que tinha perdido o pai pouco tempo antes, quis saber se Daisy podia vê-lo, e trouxe um retrato, para que ela pudesse reconhecê-lo. Porém, quando voltou à noite, Daisy falou que não o tinha visto, e que, tendo perguntado ao Allie, este também não o viu, mas falou que ia perguntar a alguém que poderia informar a respeito.

Dali a um momento, disse: “Allie está aqui e diz: Fale para a Aunty que seu pai quer encontrá-la no céu, pois está aqui.” Então a Sra. W. disse: “Daisy, por que Allie não deu logo notícias do meu pai?” Porque – respondeu ela – as pessoas que morrem passam para estados ou lugares diferentes e não podem se ver uns aos outros

constantemente, mas todas as pessoas boas estão no estado dos abençoados.”

Durante aqueles últimos dias da sua doença, Daisy gostava que a sua irmã Lulu cantasse para ela, principalmente os cânticos da Doutrina. Lulu cantou uma canção, cujo estribilho era:

“Oh, vinde, anjinhos, vinde! Vinde e rodeai-me e nas vossas néveas asas levai-me para a minha morada imortal”.

Quando Lulu terminou, Daisy exclamou: “Oh, Lulu! Não é estranho? Sempre pensávamos que os anjos tinham asas! Mas é um engano; eles não têm.” Lulu replicou: “Mas eles precisam ter asas, porque se não, como poderiam descer voando do céu?” “Oh, eles não voam – respondeu ela. - Eles simplesmente vêm. Quando eu penso no Allie, ele está aqui.”

Uma vez eu perguntei: “Como é que você vê os anjos?” Ela respondeu: “Eu não os vejo constantemente, porém quando os vejo, as paredes parecem dissipar-se e aí eu posso ver até bem longe. Não dá para começar a contar as pessoas, algumas estão próximas e são minhas conhecidas, outras eu nunca vi.”

Mencionou o nome de Mary B., a irmã da Sra. S., que foi nossa vizinha em Nevada City, e disse: “Você sabe que ela estava com uma tosse muito ruim, mas agora ela está bem, é muito linda, e está sorrindo para mim”.

Eu estava naquele momento sentada junto ao seu leito, segurando uma de suas mãos. Dirigindo-me um olhar pensativo, disse: “Mamãe querida, eu só queria que você pudesse ver o Allie. Ele está em pé, ao seu lado.”

Involuntariamente olhei ao redor, mas Daisy continuou: “Allie diz que você não pode vê-lo porque os olhos do seu espírito estão fechados, mas eu posso, porque somente um fio de vida, por assim dizer, retém o meu espírito no corpo.” Então, eu perguntei: “Ele falou

isso agora?” “Falou, sim, agora mesmo”, respondeu ela. Depois, maravilhada de ela poder estar conversando com o irmão sem que fosse notado o mínimo indício de conversação, eu disse: “Daisy, como é que você fala com Allie? Não estou ouvindo a sua voz, nem vendo os seus lábios se moverem.” Ela disse sorrindo: “Nós falamos a través do pensamento.” Então, perguntei de novo: “Daisy, qual é o aspecto do Allie? Parece vestir roupas?” Ao que ela respondeu: “Oh, não! Ele não veste roupas como as nossas. Parece estar envolto em algo branco, lindo, muito bonito, fino e reluzente; mas sem pregas, nem sinal de fio, porque não é um tecido. Mas confere a ele um aspecto encantador.” Então, o pai citou uma frase dos Salmos: “Está vestido de luz como atavio.” E a menina respondeu: “Oh, sim, é isso mesmo!”

Falava na morte com freqüência. E parecia ter uma impressão tão vívida da sua vida e felicidade futuras, que o medo da morte ficara desterrado por completo. O mistério da partida da alma não era mais mistério algum para ela. Era apenas uma continuação da vida, uma passagem desta vida terrena para o ar e o esplendor do céu.

Na manhã do dia da sua morte, pediu-me que lhe trouxesse um pequeno espelho. Eu vacilava, por imaginar que a vista do seu extenuado rosto poderia ser um choque para ela. Porém o pai, sentando-se junto dela, falou: “Deixe que ela possa ver sequer o seu pobre rostinho.” Então dei a ela o espelho. Tomando-o com as duas mãos, contemplou por certo tempo a própria imagem, serena e tristemente. Por último, disse: “Este meu corpo já está desgastado. É como esse vestido velho da mamãe, que está pendurado no gabinete. Ela não o usa mais, e eu também não usarei mais o meu corpo, porque terei um novo corpo espiritual para substituí-lo. Na realidade, eu já tenho agora, porque com os meus olhos espirituais contemplo o mundo celestial, enquanto o meu corpo está ainda aqui. Vocês vão deixar o meu corpo no túmulo, porque eu não vou precisar

mais dele. Foi feito para a minha vida aqui, e agora esta vida chega ao seu fim e esse pobre corpo vai ficar abandonado e eu terei um corpo formoso como o de Allie.” A seguir, disse-me: “Mamãe, abra as janelas e deixe-me contemplar o mundo por última vez. Antes de uma nova manhã chegar, eu já terei partido.”

Enquanto eu atendia o seu carinhoso pedido, ela disse ao pai: “Levante-me, papai.” Então, segurada pelo pai, olhou pela janela, cujas madeiras eu abrira, e exclamou: “Adeus, céu. Adeus, árvores. Adeus, flores. Adeus, rosa branca. Adeus, rosa vermelha. Adeus, lindo mundo.” E acrescentou: “Como gosto de você, porém não desejo ficar!”

Aquela noite, às oito horas e meia, ela mesma olhou o relógio e disse: “São oito horas e meia. Quando forem onze e meia, Allie virá me buscar”.

Naquele momento ela estava recostada sobre o peito do pai com a cabeça apoiada no seu ombro. Essa era a sua posição preferida, porque lhe permitia descansar. Então disse: “Papai, eu quero morrer assim. Quando o momento chegar, eu aviso você.”

Lulu estivera cantando canções para ela, e como costumasse deitar às oito horas e meia, levantou-se para sair. Inclinando-se sobre Daisy, como sempre fazia, beijou-a dizendo: “Boa noite”. Daisy descobriu a mão, e fazendo-lhe um carinho no rosto respondeu: “Boa noite”. Quando Lulu tinha descido a metade da escadaria, Daisy gritou-lhe com voz clara, doce e ardente: “Boa noite e adeus, querida e doce Lulu.”

Lá pelas onze e quinze, Daisy disse: “É agora, papai, segure-me. Allie veio me buscar.”

Quando o pai a segurou, ela pediu-nos que cantássemos. Então alguém disse:

“Chamem Lulu”, porém Daisy respondeu depressa: “Não a

perturbem, ela está dormindo”. E depois disso, justamente quando os ponteiros do relógio assinalavam onze horas e meia, a hora em que anunciara que o Allie viria buscá-la, alçou os braços e disse: “Vem, Allie”, e não respirou mais.

Depois, deixando sobre o travesseiro o querido corpo exânime, o pai exclamou: “A querida menina partiu.” E acrescentou: “Não terá mais de sofrer”.

Este caso – como o caso 1º do capítulo II – contém um ou dois pontos especialmente interessantes. A menina moribunda teve consciência das visões que apareciam, e ao mesmo tempo reconhecia perfeitamente os seus amigos terrenos e podia conversar com eles sensatamente. No caso de Daisy Dryden, a duplicidade de consciência durou alguns dias, enquanto no caso da Sra. B. só durou uma ou duas horas.

Da mesma forma, as descrições que Daisy dava das suas visões evidentemente não se correspondiam com as idéias que ela poderia ter de um mundo espiritual, porém, nem uma só vez teve dúvidas sobre a realidade daquilo que estava aprendendo sobre uma vida separada do corpo material e sobre a existência de um corpo espiritual.

Na página 118 de *The Nurseries of Heaven* aparece o seguinte depoimento da mãe: “Mesmo sendo, em geral, uma boa menina, com muito bom senso, ela não se diferenciava em modo algum da maioria das outras crianças. A experiência da sua agonia não foi, portanto, resultado de uma vida eminentemente espiritual, ou minimamente educada em direção ao misticismo ou espiritismo moderno.”

Seu pai ficou tão profundamente impressionado “por tudo aquilo que ela sem dúvida disse, ouviu e revelou”, que empreendeu uma cuidadosa pesquisa no original grego do Novo Testamento, e posteriormente publicou uma série de artigos sobre o assunto

(Resurrection of the Death, publicado por Hitchcock e Walden, Cincinnati, em 1872).

O incidente seguinte, tomado do Boletim da S.P.R. Norte-americana, do ano de 1918 (vol. XII página 623), foi referido pelo Dr. E. H. Pratt, de Chicago:

Quando frequentava a escola do Seminário de Mt. Carrol, minha irmã Hattie foi atacada de difteria maligna. Foi levada para casa, para ser cuidada pelo nosso pai, porém este não conseguiu salvá-la, e após alguns dias de grande sofrimento, seu espírito levantou vôo para esse lugar que a maioria de nós imagina como um espaço tenebroso e impenetrável, de assustadora imensidão. No seu leito de morte produziu-se uma cena tão maravilhosa, tão real, tão impressionante, que, apesar de estar naquela época com dez anos de idade somente, conservo uma lembrança tão vívida e tão marcada daquele fato, como se tivesse acontecido ontem.

Seu leito ocupava o centro do cômodo, e mamãe, papai, minha irmã mais nova e alguns amigos estavam em pé, contemplando com ansiedade as feições da minha querida irmã, onde pouco a pouco a luz da vida dissipava-se e ia sendo substituída pela lívida palidez da morte. O trânsito de Hattie não foi brusco. Foi uma extinção gradual, muito tranqüila e aparentemente livre de dor. Mesmo tendo a garganta tão obstruída pela membrana diftérica que a sua voz era grossa e era preciso prestar suma atenção para entender suas palavras, seu espírito mostrava uma claridade e raciocínio insólitos.

Ela era ciente da proximidade da morte e estava dizendo à sua mãe como deveria distribuir os seus pequenos objetos pessoais entre as amigas íntimas e companheiras de folguedos, quando, de súbito, elevou a vista como se olhasse para o teto, na parte mais afastada do quarto, e depois de olhar com atenção e, ao parecer, escutar por breve espaço de tempo, fez um ligeiro movimento de cabeça e disse:

“Sim, vovozinha, já vou. Faça o favor de esperar um pouquinho.” Papai perguntou-lhe: “Hattie, você está vendo a sua avozinha?”

Mostrando-se surpresa com a pergunta, ela respondeu com presteza: “Sim, papai, vocês não a estão vendo? Ela está ali, me esperando.” Ao mesmo tempo indicou o teto na direção onde estivera olhando.

E tornando a se dirigir para a visão, que evidentemente estava tendo de sua avó, franziu a testa com certa impaciência e disse: “Sim, avozinha, já vou. Mas faça o favor de esperar um minuto.”

Depois, voltando-se mais uma vez para sua mãe, acabou de dizer-lhe como devia repartir os seus tesouros pessoais entre as suas diferentes amigadas. Por último, prestando atenção outra vez à sua avozinha, que ao que parece insistia em que devia partir imediatamente, disse adeus a cada um de nós. A sua voz era muito fraca e tênue, porém, quando olhou brevemente para cada um, havia nos seus olhos um fulgor de vida e inteligência. Logo após, olhou fixamente aquela visão e disse, com voz tão fraca que mal podíamos perceber as palavras: “Sim, avozinha, agora eu vou.” E sem se debater ou evidenciar qualquer tipo de dor, fixou o olhar onde dissera ver a sua avozinha, até que a falta do oxigênio no sangue, pois a respiração tinha cessado, cobriu-lhe as mãos e o rosto com a palidez da carne inanimada. Mostrava tanta lucidez, tanta segurança na visão e presença da avó, com a qual falava tão naturalmente, e tão surpresa de que nós não pudéssemos vê-la, e a conversa com a avó, o pai e a mãe ficaram tão nitidamente gravados na câmera fotográfica do meu cérebro que, dali em diante, eu nunca mais pude duvidar da evidência da continuação da vida, distinta e reconhecível, depois da morte.

A avó falecera alguns anos antes e sempre foram ambas muito boas amigas, e o mútuo reconhecimento quando Hattie abandonou o

corpo para se unir com a querida vovó nas regiões situadas além do alcance visual dos nossos olhos físicos foi tão indiscutível e tão completo em todos os detalhes, que considero impossível explicar este notável acontecimento com qualquer teoria, salvo aquela de que a avó estava viva e conservava até tal ponto o próprio aspecto terreno, que Hattie reconheceu-a instantânea e indiscutivelmente.

O caso seguinte foi comunicado à S.P.R. norte-americana pelo Sr. S. B. Bennett (vide o Boletim da S.P.R. norte-americana de 1918, vol. XII pág. 607).

Pittston, Pa. 15 de dezembro de 1906. O Sr. G. H. Tench morreu em 1902, após vários anos de pacientes, porém intensos, sofrimentos produzidos por um câncer. Morava em Wilkes-Barre, mas anteriormente era meu vizinho em West Pittston. Durante algum tempo trabalhou como capataz às minhas ordens, e havia mútua confiança e estima entre nós. Mais tarde, ele recebeu uma vantajosa e merecida oferta de outra companhia carbonífera, mas apesar desse fato as nossas relações continuaram sendo muito boas.

Durante as suas últimas semanas eu fui atendê-lo com a freqüência possível, indo e voltando de trem. Mesmo sofrendo intensamente, ele nunca quis tomar narcóticos ou estimulantes, dizendo:

“Vivi como Hall Tench e quero morrer do mesmo jeito.” A noite em que o fim chegou, ele foi acordar o filho mais novo e pediu-lhe para avisar a família, porque sentia que estava morrendo. Falou a todos com absoluto raciocínio e em perfeita consciência. Depois chegou à casa um seu irmão, e entrando no quarto, G. H. Tench disse: “Adeus, Will, em breve vou partir”, e fechou os olhos. A família pensou ter chegado o fim, porém após breve intervalo, ele abriu os olhos, e dirigindo o olhar por cima dos pés da cama, de cabeça erguida e dando mostras de interesse, falou de maneira clara e distinta: “Oh, todas são pessoas singelas.” Isto encerrou a cena, segundo me foi

relatada pela esposa logo após o funeral.

Pois bem, Tench não era um homem religioso, apesar de ter sido auxiliado nos últimos instantes por um ministro metodista, porém era um homem de um elevado senso moral, de uma grande retidão em todos os aspectos da vida, e, além disso, muito corajoso como ficou demonstrado com a negativa a amortecer a sua sensibilidade para diminuir o próprio sofrimento. Não era muito instruído, nem tinha lido muito, porém, apesar disso, não tenho a menor dúvida de que ele refletira bastante sobre o estado a que se aproximava, e muito provavelmente cultivava uma idéia fixa. Não é possível que no final ele manifestasse surpresa pelo fato de aqueles que o aguardavam serem “pessoas singelas”? Apresento-o como um fato.

S. B. Bennet

O próximo relato apareceu no Boletim da S.P.R. norte-americana (1918, pág. 603), enviado ao professor Hyslop pelo Sr. Rud. C. Gittermann, membro da S.P.R. Inglesa. Este escreve o seguinte:

Meu pai faleceu na Alemanha, em 18 de março de 1892, e então minha mãe veio morar conosco em Odessa. Dali a pouco tempo caiu doente, e veio a falecer em 6 de maio do ano seguinte, 1893.

Tanto ele como minha mãe foram sempre sumamente céticos sobre a existência e sobrevivência da alma.

Poucos minutos antes de morrer, minha mãe recuperou a consciência (pois ficara em estado comatoso durante as duas horas anteriores), ergueu-se no leito, estendeu os braços e com um sorriso de felicidade exclamou: “¡Papai, papai!”, como se de repente ele se mostrasse à sua vista. Imediatamente depois, deixou-se cair nos braços da minha esposa e expirou.

Minha mãe costumava chamar “Papai” ao marido, como nós os filhos fazíamos.

Dou fé de que este é um relato absolutamente verídico do que

aconteceu.

Rud. C. Gittermann

O seguinte relato abreviado, que corresponde aos últimos dias do poeta norte-americano Horácio Traubel, está tomado de uma narração mais extensa publicada no Boletim da S.P.R. norte-americana no ano 1921 (vol. XV págs. 114-123).

Horácio Traubel (1858-1919) era o Boswel de Walt Withman. Foi também autor de vários volumes de poemas do tipo dos de Whitman, considerados por alguns dos seus discípulos como de um valor semelhante aos do mestre. Foi também fundador do famoso Clube Contemporâneo da Filadélfia.

O relato abreviado, escrito pela Sra. Flora Macdonald Denison, que estava presente no momento da morte, foi publicado no número correspondente aos meses de abril e maio de uma revista intitulada *The Sunset of Bom Echo*. Diz o seguinte:

Em 28 de agosto Horacio sentiu-se o dia todo muito abatido. A doença de Anne e a partida dos Bains eram demais para ele. Mildred acompanhou-o um bom tempo, pois tínhamos decidido não deixá-lo nem um minuto a sós. Estava sendo transportado da varanda, e mostrava-se absolutamente radiante, e quando me viu, exclamou: “Olhe, olhe Flora, depressa, depressa, vai partir.” “¿O que, Horácio? - disse eu - ¿O que está vendo? Eu não vejo ninguém.” “Em cima daquela rocha apareceu o Walt, com a cabeça, os ombros e o chapéu cobertos por uma dourada nuvem de glória, resplandecente e esplêndida. Tranquilizou-me, acenou e falou. Eu pude ouvir a sua voz, porém não entendi tudo o que ele me disse; apenas entendi vem.”

Não demorou muito e chegou Frank Bain, e Horácio repetiu-lhe a sua história. Durante o resto da noite Horácio mostrou-se reanimado e feliz. Com freqüência costumava dizer: “Não me desprezem pela

minha debilidade”. Porém agora, mostrava-se confiante e até jovial quando dei a ele a sua poção.

Na noite de 3 de setembro Horácio estava muito decaído. Fiquei algumas horas ao seu lado.

Uma vez colocou os olhos em branco; pensei que ele ia agonizar, porém pediu-me que o virasse no leito.

Quando fiz o que ele pediu, ficou à escuta e parecia estar ouvindo algo. Depois disse: “Ouço a voz de Walt. Está falando comigo.” Eu disse: “¿O que ele está falando?” Respondeu: “Walt está me dizendo: Vem, vem.” Dali a pouco acrescentou: “Flora, estou vendo todos eles ao meu redor, Bob e Bucke, Walt e os outros.”

E coronel Cosgrave, estando à tarde com Horácio, viu Walt do outro lado do leito, e percebeu a presença dele. Logo após, Walt passou através da cama e tocou a mão do coronel, dentro do bolso. Este contato foi como uma sacudida elétrica. Horácio percebeu também a presença visível de Walt, e assim o disse. Não invadia a casa um ambiente lúgubre. Ninguém parecia abatido. Uma sensação de triunfo, de orgulho e de exaltação saturava a atmosfera.

Posteriormente o Sr. Walter Prince, da S.P.R. norte-americana, recebeu uma carta do coronel Cosgrave confirmando as manifestações da Sra. Flora Denison.

Existem vários casos, dos quais são conservados relatos nos Proceedings da S.P.R. e em outros lugares, em que as pessoas que estavam velando um parente moribundo tiveram visões de formas de espíritos aparecidas junto ao leito.

Em um caso (vide os Proceedings da S.P.R., vol. VI pág. 293) duas mulheres que estavam velando a irmã moribunda, chamada Carlota, viram um brilhante resplendor, e dentro dele dois jovens semblantes esvoaçando sobre o leito, contemplando Carlota. A irmã mais velha reconheceu estes rostos como pertencentes a dois de seus irmãos,

William e John, falecidos quando ela era moça. As duas irmãs continuaram contemplando aqueles rostos até que “se esvaíram pouco a pouco, como um quadro lavado”, e logo após, Carlota faleceu.

O Sr. Podmore, que investigou este caso, faz notar que é possível a visão ser devida a um influxo telepático da pessoa moribunda, porém esta explicação é menos sólida e tão improvável como a percepção de formas de espíritos pela pessoa moribunda e às vezes, pelos circunstantes.

O Sr. Podmore, com o seu costumeiro preconceito contra toda explicação supranormal, destaca a respeito que “as imagens associadas tradicionalmente com a morte recebem uma personificação sensorial”. Porém este ponto de vista não pode ser aplicado aos dois casos seguintes, nos quais, sendo receptoras crianças pequenas, dificilmente poderia supor-se que tivessem imagens mentais associadas tradicionalmente com a morte, como também não pode explicar, essa teoria, a “alucinação coletiva” descrita no caso da Srta. Pearson. O caso seguinte é citado por Stainton Moses:

A Srta. H., filha de um eclesiástico inglês, estava acompanhando um menino moribundo. Um irmãozinho deste, de três ou quatro anos de idade, estava deitado no mesmo quarto. Quando o primeiro estava agonizando, o irmãozinho acordou e, apontando o teto com uma expressão de grande alegria, exclamou: “Olhe ali, mãe, que senhoras tão formosas ao redor do meu irmão! Como elas são lindas! Estão querendo levá-lo.” Naquele momento, o menino expirou.

Outro caso é referido pelo Sr. Pelusi, bibliotecário da Biblioteca de Vítor Manuel, de Roma (Luce e Ombra, 1920, 20):

Uma menina de três anos, chamada Hipólita Notari, portadora de uma paralisia parcial, estava no mesmo quarto onde um irmãozinho seu, de quatro meses, agonizava.

O pai, a mãe e a avó das duas crianças estavam presentes. Cerca de quinze minutos antes de o garotinho morrer, a pequena Hipólita estendeu os braços dizendo: “Mamãe, olhe a tia Olga!” Esta senhora era uma irmã mais moça da Sra. Notari, que se suicidara um ano antes, por uma contrariedade amorosa. Os pais perguntaram: “Onde você está vendo a tia Olga?” E a menina respondeu: “Ali, ali!” e tratou insistentemente de abandonar o leito para correr na direção da tia. Os pais deixaram que ela se levantasse e ela correu até uma cadeira vazia, mostrando-se decepcionada porque a visão tinha mudado para outro canto do quarto. A menina virou-se e disse, apontando o canto: “A tia Olga está ali”. Depois, acalmou-se e o pequenino morreu.

No caso seguinte, comunicado pelo professor W. C. Crosby, membro da S.P.R. (Proceedings, S.P.R., vol. VIII págs. 229-231), a visão foi percebida pela enfermeira durante o estado de inconsciência da paciente moribunda. O fantasma visto era desconhecido para a enfermeira.

A Sra. Carolina Rogers, de setenta e dois anos de idade, viúva, casada por duas vezes, sendo que o primeiro marido, o Sr. Tisdale, falecera há perto de trinta e cinco anos, morou durante os últimos vinte e cinco anos de sua vida em Ashland Street, Roslindale (Massachusetts), e desde o falecimento do seu último filho vivia completamente só. No começo de março do ano do seu falecimento, sofreu um ataque de paralisia, e, após uma enfermidade que durou quase seis semanas, faleceu na tarde da terça-feira 15 de abril.

A Sra. Mary Wilson, enfermeira profissional, de quarenta e cinco anos de idade, atendeu a Sra. Rogers durante a doença, permanecendo constantemente ao seu lado até que faleceu.

Ela nunca tinha visto antes a Sra. Rogers, nem sabia nada da sua família ou da sua vida. A Sra. Rogers, como era seu costume, falava freqüentemente com a Sra. Wilson, e com outras pessoas também,

sobre o seu segundo marido, o Sr. Rogers, e sobre os seus filhos, manifestando o desejo de tornar a vê-los, etc.

Na tarde de 14 de abril, a Sra. Rogers perdeu a consciência, e continuou assim até ocorrer o seu falecimento vinte e quatro horas depois. A Sra. Wilson permaneceu ao seu lado por toda a noite da segunda-feira. Uma filha da Sra. Wilson, chamada Ida, de vinte e cinco anos de idade, acompanhava a mãe, e um garoto de dez ou doze anos de idade dormia no quarto ao lado para poder ser chamado em caso necessário. Estas quatro eram as únicas pessoas na casa. As portas exteriores estavam bem fechadas. A porta que, do quarto da doente, situado no segundo andar, conduzia até o vestíbulo, manteve-se sempre fechada, porque ficava junto ao pé da cama da Sra. Rogers; para entrar no quarto da enferma era preciso passar do saguão do andar superior para a sala, a través de uma porta que naquela noite ficou fechada, e atravessar depois o quarto onde o garoto dormia; ambos os quartos estavam comunicados por uma porta, aberta na parede de um pequeno gabinete. Esta porta ficava de frente, em sentido diagonal, para a cama onde jazia a Sra. Rogers. A Sra. Wilson descansava em um canapé que formava ângulo reto com a cabeceira da cama da Sra. Rogers, razão pela qual, ao deitar nele, seu rosto ficava quase justamente de frente para a porta e a não mais de dez ou doze pés de distância dela. A lâmpada, que permanecera acesa brilhantemente a noite toda, estava em uma mesinha situada no canto da parede oposto à porta, e a jovem Ida ocupava um canapé apoiado na parede e situado entre a lâmpada e a porta.

A Sra. Wilson estava muito cansada pela longa vigília. Sabendo que a Sra. Rogers estava agonizando, sentia como é natural, um grande nervosismo e temor; e tendo ouvido a Sra. Rogers dizer freqüentemente que enxergava os seus amigos falecidos, etc., sentia expectativa e temor a respeito de possíveis visitas sobrenaturais.

Entre duas e três horas da madrugada, a filha estava dormindo e quando ela descansava no canapé, porém bem acordada, teve a ocorrência de olhar na direção da porta do quarto anexo e viu um homem em pé, bem no limiar que deixava ver a porta aberta. Era de meia-idade e ombros largos, costas curvadas, face corada, cabelo e barba avermelhados (estava sem chapéu) e vestia um casaco marrom desabotoado. A sua expressão era grave, nem severa nem afável, e parecia olhar diretamente a Sra. Wilson e depois a Sra. Rogers, sem fazer movimento algum. A Sra. Wilson imaginou, evidentemente, que se tratava de um homem real e tratou de adivinhar como ele poderia ter entrado na casa. Depois, como ele continuava imóvel, ela começou a compreender que aquilo tinha qualquer coisa de misterioso, e, assustada, virou a cabeça e chamou a filha, que ainda dormia no canapé, acordando-a. Quando tornou a olhar a porta, no espaço de um ou dois minutos, o fantasma tinha desaparecido. Tanto a sua chegada como a sua partida foram silenciosas e a Sra. Rogers continuou perfeitamente tranqüila; e segundo foi possível saber, permanecera completamente inconsciente durante todo aquele espaço de tempo. Como o quarto aonde conduzia aquela porta estava em completa escuridão, não houve possibilidade de observar se o fantasma era ou não transparente. A Sra. Wilson entrou depois nesse quarto e na sala, porém não examinou o andar térreo da casa até a manhã seguinte, encontrando as portas bem fechadas e todas as coisas em ordem.

De manhã ligou para a casa da Sra. Hildreth, sobrinha da Sra. Rogers, que morava nas vizinhanças e conhecia a Sra. Rogers e a sua família de longa data. A Sra. Wilson relatou o que tinha visto, perguntando se o fantasma era parecido com o Sr. Rogers, ao que a Sra. Hildreth respondeu negativamente de modo categórico. (Todos aqueles que conheciam o Sr. Rogers concordam neste ponto). Então

foi interrompida a ligação, mas quando foi reatada, depois, naquele mesmo dia, a Sra. Hildreth disse que a descrição da Sra. Wilson coincidia exatamente com o Sr. Tisdale, primeiro marido da Sra. Rogers. A Sra. Rogers veio morar em Roslindale após ter casado com o Sr. Rogers, e a Sra. Hildreth é a única pessoa daquela vizinhança que tinha visto alguma vez o Sr. Tisdale. Na casa da Sra. Wilson não existe nenhum retrato seu, nem nada que pudesse sugerir o seu aspecto pessoal. A Sra. Wilson está convencida também de que o fantasma não era parecido com ninguém que ela tivesse conhecido. A Sra. Wilson teve antes dessa outras aparições análogas, e uma delas, ao menos, ocorrida quando ela estava com dezoito anos, parece ter sido verídica.

O transcrito relato da minha experiência é exato em todos os detalhes. Mary Wilson.

O relato acima é narração completa e exata da experiência da Sra. Wilson, tal como me foi contada por ela, na manhã de 15 de abril.

F. E. Hildreth  
5 de junho de 1890

A Sra. Wilson e a Sra. Hildreth deram-me a impressão de serem pessoas inteligentes, absolutamente honestas e verdadeiras, e não duvido em modo algum de que a experiência da Sra. Wilson fosse real e substancialmente igual a como foi descrita por ela.

W. O. Crosby

## IV

# Visões de pessoas enxergadas pelo moribundo à distância e em alguns dos casos, recíprocas

Agora chegamos a um tipo amplo e um tanto diferente de casos, nos quais não mais é levantado para os moribundos o véu que oculta o mundo espiritual, mas as suas almas parecem ser transportadas a um lugar diferente da Terra, e conseguem ver pessoas que podem encontrar-se a uma distância remota. Estes casos são chamados de fenômenos de “clarividência à distância”, e no livro *Phantasms of the Living*, ao qual remeto os meus leitores, podem ser encontrados numerosos fenômenos bem provados desta índole.

Existem, porém, certos casos, que merecem especial menção. São aqueles nos quais pessoas moribundas não só parecem fazer-se visíveis à distância, mas também informam àqueles que as cercam sobre onde estiveram e como visitaram àqueles que desejavam ver. Um dos mais notáveis e patéticos dentre estes casos, chamados de “recíprocos” foi-me referido por essa inteligente e venerável dama de família Quaker, chamada Srta. Ana Maria Fox, quando fizemos uma viagem ao Canadá para assistir à Assembléia da Associação Britânica, em 1884. A Srta. Fox e sua irmã eram bem conhecidas dos sábios da última geração (vide *Memoirs of Caroline Fox*), pois sua bela residência “Penjerrick”, situada perto de Falmouth, em Cornwall, era

ponto de encontro de numerosos sábios e literatos eminentes, e faz perto de cinqüenta anos tive o privilégio de gozar da sua hospitalidade. Quando contou o incidente, a Srta. Fox referiu-se aos seus parentes, os Birkbecks, como pessoas que poderiam confirmá-lo, confirmação que consegui quando posteriormente realizei indagações.

O Sr. Myers forneceu um relato abreviado desde mesmo caso (vide *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 560), sendo que ele tomou conhecimento do caso quando relatado por um dos médiuns.

O incidente remonta-se a cerca de dois séculos atrás, porém, como diz o Sr. Myers, a família Fox costumava conservar cuidadosamente as provas deste gênero. Como ilustração do fato, direi que o relato que a Srta. Ana Maria Fox fez para mim era praticamente idêntico àquele dado pela Sra. de Charles Fox, que copio a seguir:

Em 1739, a Sra. Birkbeck, esposa de William Birkbeck, banqueiro de Settle e membro da Sociedade de Amigos, ficou doente e faleceu em Cockermouth, quando voltava de uma viagem à Escócia que empreendera sozinha, pois o marido e três filhos, de sete, cinco e quatro anos de idade tinham ficado em Settle. Os amigos, donos da casa onde sobreveio a morte, tiveram a ocorrência de anotar todas as circunstâncias que acompanharam as últimas horas da Sra. Birkbeck, razão pela qual a exatidão das diversas manifestações, tanto no que se refere ao tempo, como ao lugar, estava livre das incertezas da memória humana ou de toda tentativa consciente de coordená-las.

Certa manhã, entre as sete e as oito horas, o parente que tinha ficado cuidando das crianças em Settle, e que registrava em um minucioso diário tudo o que acontecia com elas, subiu ao dormitório dos pequenos, como costumava fazer, e encontrou-os sentados na cama com mostras de grande excitação e alegria. “Mamãe esteve aqui!”, exclamaram, e a mais pequenina falou: “Ela me disse: Vem,

Esther!”

Nada podia fazê-los duvidar do fato, que foi anotado escrupulosamente para diversão da mãe, quando retornasse ao lar. Aquela mesma manhã, quando jazia no leito de morte em Cockermouth, a mãe disse: “Estaria pronta para partir se eu pudesse ver os meus filhos”. Então fechou os olhos, fazendo os amigos pensarem que não tornaria mais a abri-los. Porém, após dez minutos de perfeita quietude, elevou o olhar resplandecente e disse: “Agora estou pronta. Já estive lá com os meus filhos”, e a seguir, expirou serenamente. Quando foram comparadas as duas notas tomadas em ambos os lugares, dia, hora e minutos foi comprovado serem coincidentes.

Uma daquelas três crianças era minha avó, Sarah Brikbeck de nascimento, e depois esposa do Dr. Fell, de Ulverston. Dos seus lábios foi que ouvi a narração transcrita, quase igual a como eu a repeti. O menino mais velho era Morris Birkbeck, depois de Guildford. Ambos viveram até idade avançada e conservaram até o último momento uma lembrança tão solene e respeitosa do caso, que raramente falavam nele. Esther, a caçula, faleceu pouco tempo depois. Seu irmão e sua irmã ouviram a menina falar que a mãe a chamara. Porém não puderam dizer com certeza se tinham ouvido as palavras ou percebido outra coisa além da presença da mãe que os contemplava.

O caso da Sra. Goffe também é de data remota (1691), porém está tomado de um relato contemporâneo do Rev. T. Tilson, em carta dirigida por ele ao famoso adivinho Ricardo Baxter, que a publicou no seu livro intitulado *The World of Spirits*, (págs. 147-151). Este caso é citado no livro *Phantasms of the Living* (vol. II, págs. 558-559), e os autores manifestam que não é possível impugnar o relato com base em uma credulidade excessiva de Baxter, e citam uma opinião autorizada sobre esse ponto. Ver-se-á que os incidentes do seguinte

relato guardam uma curiosa analogia com aqueles do caso precedente, da Sra. Birkbeck. Mesmo sendo um pouco longa demais a carta do Sr. Tilson, que copiamos a seguir, é melhor colocar as suas próprias palavras do que um resumo.

Em 6 de julho de 1691. Encontrando-se Mary, a esposa de John Goffe, de Rochester, atormentada por uma longa enfermidade, mudou-se para a casa que seu pai ocupava em West Mulling, a umas nove milhas da dela. Ali foi onde faleceu no dia 4 de junho de 1691. No dia anterior ao falecimento, manifestou um impaciente desejo de ver os filhos, que deixara em casa aos cuidados de uma babá, e suplicou ao marido que alugasse um cavalo, pois desejava voltar para casa e morrer junto dos filhos.

Entre uma e duas horas da madrugada, mergulhou em um êxtase. A viúva de Turner, que cuidava dela naquela noite, diz que ela estava com os olhos abertos e fixos, e a mandíbula caída. Colocou a mão diante da boca e do nariz da doente, porém não percebeu o menor hálito. Pensou que sofrera uma síncope e tinha dúvidas sobre se estava viva ou morta. No dia seguinte, a moribunda disse à mãe que estivera em casa com os filhos. “Isso é impossível – disse a mãe – porque você esteve aqui na cama o tempo todo.” “Sim – respondeu ela – mas estive com eles ontem à noite, enquanto estava dormindo.”

A babá de Rochester, chamada viúva de Alexander, afirma e diz que poderia jurar na frente de um juiz, e receber os sacramentos sobre esse juramento, que pouco antes de duas horas da madrugada viu a imagem da referida Mary Goffe sair do quarto ao lado (onde descansava o menino mais velho em um leito próximo do seu, pois a porta ficava aberta), e permanecer junto à sua cabeceira mais ou menos um quarto de hora. O menino mais novo descansava ali junto dela. O fantasma moveu os olhos e a boca, mas nada falou. Além disso, a babá diz que estava absolutamente acordada; já amanhecera,

pois aquele era um dos dias mais longos do ano. Ela sentou na cama, olhando fixamente para o fantasma. Naquele instante ouviu o relógio da ponte bater duas horas, e após um momento, exclamou: “No nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ¿quem é você?” A assombração então, afastou-se e desapareceu.

A babá vestiu-se e seguiu-a, mas não conseguiu saber o que fora feito dela. Nessa hora, e não antes, começou a sentir-se assustada, e saindo da casa ficou passeando algumas horas no cais (a casa fica perto da margem do rio), entrando somente de vez em quando, para vigiar as crianças. Às cinco horas foi até a casa de uns vizinhos e bateu na porta, porém eles não se levantaram. Às seis horas voltou e aí sim, eles se levantaram e pediram a ela que entrasse. Ela relatou o que tinha acontecido e eles trataram de persuadi-la de que sofrera um engano, ou então de que tudo era um sonho. Mas ela ratificou-se com certeza: “Se é verdade que eu a vi alguma vez na minha vida, isso aconteceu nesta noite.” (O autor da carta afirma que esse relato foi confirmado por uma daquelas pessoas a quem a babá tinha contado o fato).

A essência deste acontecimento foi-me relatada por John Carpenter, pai da falecida, no dia seguinte ao enterro, no dia 2 de julho. Eu discuti amplamente a questão com a babá e dois vizinhos (aqueles da casa onde ela foi naquela manhã). Dois dias depois, soube o relato pela mãe da falecida, o sacerdote que a acompanhou e a mulher que cuidou dela na última noite.

Todos são coincidentes na mesma história, e cada um deles contribui para fortalecer o depoimento do outro. Todos parecem pessoas sóbrias, inteligentes, incapazes de se propor a enganar o mundo, ou tramar uma mentira, e também não consigo conceber qual tentação poderia induzi-los a fazer tal coisa.

Thomas Wilson

O caso seguinte, facilitado também pelo Sr. Myers, é o relato feito a ele pela família Ellis, de uma visão tida pelo pai, moribundo em Kensington, de um filho que na época estava na Austrália. As Srtas. Ellis manifestam o seguinte:

Na quarta-feira 29 de dezembro de 1869, papai, gravemente enfermo na época, acordou de um sono e erguendo-se no leito, apontou e olhou com suma atenção um canto do quarto, e falou (para mim e para minha irmã): “Olhem! Não estão vendo? É a cabeça do meu pobre filho Bob!” Logo após, voltando-se para mim, disse: “Norman Town, não esqueça, golfo de Carpentária”.

Então, deixou-se cair, extenuado. Isto aconteceu lá pelas três horas da tarde. Depois do seu falecimento descobrimos que anotara em um seu caderno, com tinta vermelha, o endereço do meu irmão, que partira de Bourke Town, indo para Norman Town, razão pela qual as cartas eram enviadas para lá no sucessivo.

Papai faleceu na quinta-feira 30 de dezembro de 1869. Quando meu irmão voltou da Austrália, anos depois, relatou-nos que uma noite, estando acampado ao ar livre, foi descansar, dormiu e depois acordou enxergando claramente a cabeça do papai em um ponto da barraca.

Isto causou nele tamanha impressão, que foi para a barraca ao lado, onde estava o seu companheiro, e disse-lhe: “Acabei de ver o meu pai. Venha e fique comigo.” No correio seguinte recebeu a minha carta, comunicando o falecimento do papai.

Meu irmão disse que eram perto de três horas da madrugada quando viu o papai. Será que esse momento não corresponderia às três horas da tarde no nosso país? Sempre pensei que eles viram um ao outro ao mesmo tempo.

Alice Ellis e Mary Ellis

O Sr. Myers manifesta que, conversando com as narradoras, averiguou que o Sr. Ellis não delirara nem um pouco nos seus últimos dias e que amava profundamente o filho ausente.

Neste caso, e a respeito da visão do pai, tida pelo Sr. Robert Ellis, pode ser interessante destacar que a Sra. de Robert Ellis cita outro caso de aparecido que aconteceu com sua mãe, alguns anos depois. Diz a Sra. Ellis que na terça-feira 19 de dezembro de 1876, entre seis e sete horas da tarde, e quando ela e o Sr. Ellis estavam sentados conversando, ele, subitamente, ficou olhando por cima do ombro com ar alarmado e quase aterrorizado, e tendo ela perguntado de que se tratava, falou que acreditava ter visto claramente o vulto alto de um homem, mas sem poder distinguir-lhe as feições. A seguir, mostrou-se sumamente agitado. Mais tarde foi recebido um telegrama, dando conta do súbito falecimento de um irmão da Sra. Ellis que morava no México e que ocorrera na terça-feira 19 de dezembro, às sete horas da tarde. Ele e o Sr. Robert Ellis eram grandes amigos.

O caso seguinte está tomado de *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 253.

A senhora que nos envia o seguinte relato ocupa um lugar de grande responsabilidade e não deseja ver publicado o seu nome, mesmo permitindo ser facilitado aos investigadores:

Quando eu estava com oito meses de idade, a irmã mais nova da minha mãe, Merey Cox, veio morar conosco para cuidar de mim. O emprego de papai como retratista na corte belga obrigava-o a que ele passasse muito tempo no estrangeiro, e eu fui deixada quase por completo aos cuidados da minha linda tia. O afeto que nasceu entre nós quase chegou a transformar-se em idolatria, e a minha pobre mãe chorou amargamente quando voltou ao lar e viu o pouco que eu me importei com isso.

Minha tia pegou um resfriado e durante três anos ficou decaindo. Eu era uma garotinha esperta e podia ler bem e até brincar bastante, e por essa razão fui a sua constante e diuturna companheira.

O nosso médico, Dr. Field, da Charter House, censurou muito este contato tão estreito, e pediu aos meus pais para me afastarem dali. Isto foi bem difícil de executar, e só de falar no assunto minha tia desmaiava. Por último, o Sr. Cumberland (o publicitário teatral) sugeriu a idéia de que eu partisse com as suas duas filhas (Carolina, de dezesseis anos, e Lavínia, mais nova), para a casa da Sra. Hewetson, viúva de um sacerdote que morava em Stourpaine (Dorsetshire) e que só admitia quatro senhoritas. Isto foi apresentado à minha tia como coisa tão maravilhosamente boa e vantajosa para mim, que aceitou a separação.

Um retrato meu foi feito, e colocado junto ao seu leito, e ainda lembro o quanto ela constantemente falava na nossa separação. Ela sabia que ia falecer antes de transcorrer um ano da minha ausência. Falou-me nisso e de que muito em breve eu me esqueceria dela, mas afirmou com veemência que ela iria lá me visitar. Algumas vezes iria como uma vendedora de maçãs, para que eu comprasse fruta; outras, como uma governanta à procura de emprego: ela me reconheceria sempre, mas eu nunca a reconheceria, até que gritei e supliquei poder reconhecê-la.

Eu estava com somente nove anos quando me afastaram, e as viagens de diligência na época eram sumamente longas. As cartas também demoravam em chegar, e era muito raro eu receber alguma.

Os meus pais sofriam de doenças e transtornos e acreditavam nas notícias que eu dava a eles, dizendo que estava bem e feliz, apesar de estar muito infeliz e de ser muito maltratada. Certa manhã, ao raiar do dia (que era o dia de Ano Novo) eu dormia junto à Lavínia. Ambas compartilhávamos uma caminha de branco baldaquino com cortinas,

enquanto a Carolina – que eu contemplava com temor, porque tinha dezesseis anos – dormia em outra cama parecida, na outra ponta de um quarto longo e estreito, estando colocadas as camas de maneira a ficar com os pés frente a frente, e em ambos os lados das cabeceiras pendiam duas cortinas brancas. Naquela manhã de Ano Novo fui acordada bruscamente por Lavínia, que me sacudiu exclamando: “Oh, olhe ali! A sua tia está na cama com a Carolina.” Vendo duas pessoas dormindo na cama eu pulei da minha e corri para o lado direito da outra. Nela repousava minha tia, meio virada do lado direito, profundamente adormecida e com a boca entreaberta. Reconheci-lhe a camisola e o gorro de dormir. Fiquei atordoada, perguntando a mi mesma com certo espanto infantil quando ela poderia ter chegado; teria sido depois de eu já estar deitada. Os gritos da Lavínia acordaram a Carolina, que quando percebeu do que se tratava pegou as cortinas da cama e cobriu-se com elas. Eu afastei-as, mas só encontrei a Carolina, que estava quase desmaiada de espanto. Esta Srta. Cumberland depois foi a Sra. de Part, célebre doutor em Camden Terrace (já falecido).

Eu nunca falei do acontecimento, porém, quando voltei para casa, um dia disse a minha mãe: “Você não sabe, mamãe? Quando estava no colégio eu vi a titia.”

Isso conduzia a uma explicação, porém mamãe, em vez de fazer algum comentário, foi buscar a mãe dela e disse: “Escute o que a menina está dizendo”. Mesmo eu sendo pequena como era, observei que aquilo deixara as duas consideravelmente chocadas, mas não quiseram me dizer nada, só que quando ficasse mais velha entenderia tudo. Afinal chegou um dia no qual fiquei sabendo que a minha querida tia sofrera muitíssimo por causa do barulho dos sinos de St. Bride que anunciavam o Ano Novo. Papai tratou de conseguir que silenciassem, porém não foi possível. Lá pela madrugada, titia

perdeu a consciência. Quando mamãe e a vovó estavam sentadas a ambos os lados do leito, segurando nas mãos dela, ela acordou e disse para a mamãe: “Agora posso morrer feliz, Anna. Já vi a minha querida menina.” Estas foram as suas últimas palavras.

D. E. W.

Na época do incidente relatado, não existia aqui registro geral de falecimentos, e procuramos por todos os meios possíveis descobrir qualquer notícia sobre este, porém sem êxito. Só pudemos conseguir um atestado do sepultamento de Merey Cox, ocorrido em 11 de janeiro de 1829. Isto é perfeitamente compatível com a declaração de que a morte ocorreu em 1 de janeiro (mesmo sendo, sem dúvida, insólito um espaço de tempo tão longo, inclusive em época de inverno), apesar do enterro ser em um sepulcro de família, e com certeza ser necessário construir um féretro de chumbo. O dia 1 de janeiro teria sido, no pior dos casos, um dia crítico para a doente. Quanto à data da aparição, o marcado caráter do dia de Ano Novo favorece decididamente a probabilidade da memória da Srta. W. ter sido fiel. Respondendo a certas perguntas, a Srta. W. disse: Eu nasci em 1819. O falecimento do meu tio ocorreu em 1829. Apesar de eu ter falado com freqüência sobre o fato com os meus mais íntimos amigos – como Sir Philip Crampton e o falecido conde e as condessas de Dunraven (também com o juiz Halliburton), acho que nunca o descrevi extensamente, exceto para Lord Dunraven e sua mãe, em 1850, que mostraram grandes desejos de publicá-lo, coisa que eu nunca aceitei. Acredito que um bom motivo que tive sempre para não falar no assunto era o terror que inspirava esse fato à mamãe, e as suas ordens rigorosas de “não contar aquilo a ninguém”. Além disso, quando fui para o colégio perdi Lavínia de Cumberland de vista, e receava os comentários de pessoas estranhas.

Conversando com a Srta. W., ela acrescentou que nunca teve

qualquer outra alucinação, e que as jovens Cumberland visitavam a sua casa e conheciam a sua tia, o qual explica que Lavínia reconhecesse o fantasma. (Um parente da Srta. Lavínia Cumberland nos informou de que ela não se lembra do incidente, mas lembra ter ouvido sua irmã falar em um “caso de fantasmas”, no qual elas teriam tomado parte de algum modo).

O caso seguinte é descrito pelo Sr. Myers em *Phantasms of the Living* (vol. II, pág. 305), e destaca que é um relato cuja exatidão não é possível por em dúvida, porque o narrador, Dr. O. B. Ormsby (que escreveu de um lugar chamado Murphysborough, em Illinois, U.S.A., em 1884) relacionara-se com o Sr. Myers e respondera às suas perguntas.

O relato, em resumo, diz o seguinte:

Em 1862 o Dr. Ormsby cumpria funções de segundo cirurgião do 18º Regimento de Voluntários de Illinois. Tendo partido o Regimento para atacar Forte Enrique, ele permaneceu na retaguarda, cuidando dos doentes. Entre estes, encontrava-se um moço chamado Alberto Adams, sargento maior, por quem o doutor parecia interessar-se especialmente, pois, retirando-o do hospital, transferiu-o para uma casa particular. O cômodo contíguo àquele que o paciente ocupava, estava separado do seu próprio quarto por uma frágil parede, e este quarto estava ocupado pela esposa do doutor. O homem estava agonizando e durante a tarde só pôde falar com sussurros. O pai foi mandado chamar, e lá pelas onze horas da noite, ao que tudo parecia indicar, o sargento Adams faleceu.

O Dr. Ormsby, que naquela hora estava ao lado do pai junto à cabeceira, diz que, imaginando que o desolado pai desfaleceria de dor, conduziu-o a uma cadeira situada na parte traseira do cômodo, e depois voltou para a cabeceira do leito com o propósito de fechar os olhos de Adams, que julgava defunto. Então o Dr. Ormsby diz:

“Quando me aproximei da cabeceira da cama do suposto defunto, ele me olhou de súbito e disse:

“Doutor: que dia é hoje?” Falei qual dia era e então ele respondeu: “Esse é o dia em que eu morri”.

O pai precipitara-se para o leito e voltando os olhos para ele, Adams disse: “Pai, os nossos tomaram Forte Enrique e Carlinhos (o irmão) não está ferido. Vi mamãe e as crianças e estão todos bem.”

Depois deu amplas instruções sobre o próprio enterro, chamando de “meu corpo” o seu cadáver, e ocupando nisso, ao meu parecer, uns cinco minutos. A seguir, voltou-se para mim e disse de novo:

“Doutor, que dia é hoje?”, e eu respondi do mesmo modo que antes. Ele tornou a repetir: “Esse é o dia em que eu morri”, e instantaneamente ficou morto. As notas da sua voz eram completas e claras e tão fortes que podiam ser ouvidas facilmente no quarto ao lado, e sendo assim, foram ouvidas pela Sra. Ormsby.

Dr. O. B. Ormsby

Respondendo a ulteriores perguntas o Dr. Ormsby escreveu que ele não teve ocasião de saber se foi exato o que ele disse sobre a mãe e as crianças. Porém mais tarde ficou sabendo que Forte Enrique fora tomado e que o irmão saíra ileso.

## V

# Música ouvida no momento da morte pelo moribundo ou pelas pessoas presentes

Dentre os numerosos casos nos quais foi ouvida música no momento da morte, copiamos do livro *Phantasms of the Living* (vol. II, pág. 639) o seguinte incidente, testemunhado por diferentes observadores:

Um mestre do Colégio de Eton, o Sr. L., escreveu ao Sr. Gurney, em fevereiro de 1884, anexando umas notas escritas logo após o falecimento de sua mãe, ocorrido em 1881.

Parece ser que no momento da morte estavam no quarto presentes várias pessoas, a saber: a diretora do estabelecimento do Sr. L. (Srta. H.), mulher experiente, de idade madura; o médico de cabeceira (Dr. G.), uma amiga da moribunda, (Srta. I.), e mais duas pessoas (Elisa W. e Carlota C.).

Imediatamente depois da Sra. L. falecer, a Srta. H. e Carlota C. saíram do quarto para ir buscar alguma coisa, e mal tinham saído, quando a Srta. I. ouviu o som de “uma música frouxa e suave, sumamente doce, como produzida pela voz de três meninas”. Parecia vir da rua e extinguiu-se logo. O Dr. G. também ouviu e aproximou-se da janela para olhar o exterior. Na rua não foi visto ninguém. Elisa W., que estava no quarto, também ouviu um rumor como “um cântico

muito fraco e doce”. Por sua parte, o Sr. L., que envia as notas, não ouviu nada. As outras duas pessoas que tinham saído do quarto, Srta. H. e Carlota C., ouviram claramente cantar quando subiam as escadarias.

Posteriormente, quando os presentes conversaram sobre esta questão, viram que todos eles tinham ouvido o rumor de cânticos e música, exceto o Sr. L.

Merece especial menção o fato de a escadaria subida pela Srta. H. e Carlota C. situar-se na parte traseira da casa e longe da rua. O falecimento da Sra. L. ocorreu às duas horas da madrugada de 28 de julho de 1881.

Como resposta a várias perguntas, a Srta. L. enviou as notas seguintes, que escreveu imediatamente após a morte da sua amiga, Sra. L. Dizem o seguinte:

Em 28 de julho de 1881. Justamente depois de falecer a Sra. L., entre as duas e as três horas da madrugada, escutei uma dulcíssima e singular melodia do lado de fora das janelas, que se extinguiu depois de passar pela parte dianteira da casa. Todas as pessoas presentes (exceto o Sr. L.) puderam ouvi-la, e o médico, que ainda estava conosco, dirigiu-se à janela e observou o exterior, porém não viu ninguém. A noite era linda e clara. Era como se várias vozes cantassem em perfeita harmonia uma melodia dulcíssima que se extinguiu ao longe. Duas pessoas tinham saído do quarto para buscar alguma coisa, e quando estavam subindo as escadarias situadas na parte traseira da casa ouviram os cânticos e pararam, dizendo: “Que canto é esse?” Naturalmente, elas não podiam ouvir som algum procedente do exterior da fachada da casa, porque estavam na parte de trás.

O Dr. G., que atendeu a Sra. L., escreve ao Sr. Gurney em 1884, o seguinte:

Eton, Windsor. Lembro do caso perfeitamente. Fui mandado chamar à meia noite e fiquei com a Sra. L. até ela falecer, lá pelas duas e meia da madrugada. Pouco depois escutamos algumas notas de uma música maravilhosa não muito diferente de uma harpa eólia, que encheu o ambiente durante alguns segundos. Fui até a janela e observei o exterior, pensando que seria alguém lá fora. Porém não consegui enxergar ninguém, a pesar da visibilidade ser perfeita.

Fato estranho, as pessoas que estavam fora do quarto ouviram os mesmos sons quando subiam uma escadaria situada no lado oposto da fachada.

O Sr. Gurney acompanha uma nota dizendo que, visto que o Sr. L., apesar de estar presente no momento de sua mãe falecer, não compartilhou a experiência das outras pessoas, é evidente que aqueles sons não procediam de nenhuma pessoa que cantasse no exterior da casa, fato que confirma a prova já mencionada.

Existem, porém, muitos casos nos quais as pessoas moribundas, ou aquelas que as cercavam, ouviram sons musicais que não puderam ser atribuídos a nenhuma fonte terrena. Estes sons podem ter a sua origem, ao menos em alguns dos casos, na mente dos vivos.

O caso seguinte parece indicar uma origem alucinatória da música ouvida. É um caso interessante, e vale a pena transcrever um resumo. Foi publicado no Boletim da S.P.R., vol. IV pág. 181.

Aqui, tratava-se de um surdo-mudo chamado John Britton, que caiu gravemente doente de reumatismo, razão pela qual teve os dedos e as mãos – seus únicos meios para a comunicação – inchados, de tal modo que não podia utilizá-los, causando grande aflição aos parentes, que não tinham como entender as suas necessidades e sofrimentos.

O narrador, Sr. S. Allen, mordomo do Colégio Haileybury e cunhado de John Britton, diz que, como o doutor pensasse que John não

poderia se restabelecer novamente, eles tinham mandado chamar os membros da sua família. Acrescenta que quando ele e a esposa estavam em um cômodo situado bem embaixo da alcova de John, ficaram sumamente surpresos ao ouvir uma música proveniente das escadarias, e subiram depressa para ver de que se tratava.

Eis aqui o seu relato: Encontramos Jack deitado de costas com o olhar fixo no teto e o semblante iluminado pelo mais esplendoroso dos sorrisos. Transcorrido um instante, Jack acordou e usou as palavras “céu” e “formoso”, fazendo-se entender como pôde, por meio dos lábios e da expressão do rosto. Quando voltou a si, disse-nos, também da mesma maneira, que seu irmão Tom e sua irmã Harriet estavam em caminho para visitá-lo. Isto pareceu-nos muito improvável, porque eles moravam a certa distância, mas pouco tempo depois chegou um carro, do qual desceram ambos. Não tinham mandado aviso algum da sua chegada e nenhuma outra pessoa estava ali.

Quando Jack voltou um pouco mais em si e pôde escrever ou conversar com os dedos, disse-nos que lhe fora permitido ver o céu e ouvir a música mais bela.

O Sr. Allen pergunta: “Como John pôde saber que Tom e Harriet estavam a caminho e como pôde ouvir os sons musicais que nós também ouvimos?”

Destaca que a música não podia vir da porta ao lado nem da rua, e fornece um tosco plano da casa para demonstrar que era isolada, e por isso aquele som não poderia ter sido produzido por nenhuma causa normal.

A Sra. Allen confirma as manifestações do marido. Diz que ela ouviu os sons musicais que procediam da alcova do irmão, e que quando ela entrou ali, este jazia em estado comatoso e sorria, movendo os lábios como se conversasse com alguém, ainda que nenhum som

saísse deles.

A Sra. Allen continua: “Quando ele se recuperou o suficiente para poder usar as mãos, deu-me mais detalhes do que tinha visto e usou as palavras bela música.” A Sra. Allen acrescenta que o irmão faleceu dali a alguns anos, e diz: “Eu e a enfermeira estávamos velando no quarto. Meu irmão estava com o mesmo aspecto que na outra ocasião e pronunciou bem clara e articuladamente as palavras anjos e mansão.”

O Rev. L.S. Milford, mestre do Colégio Haileybury, relatando a sua entrevista com o Sr. e a Sra. Allen manifesta: “A Sra. Allen diz que os sons ouvidos por ela eram como cânticos – de música doce, porém sem palavras perceptíveis – e que enquanto estava subindo a escadaria escutou essa música, que não cessou até chegar ao dormitório. A impressão do Sr. Allen foi que o som era parecido com as notas de um órgão ou uma harpa eólia.”

No interessante caso seguinte trata-se de uma pessoa moribunda que ouviu um som musical e também teve a visão de uma senhora cuja morte ignorava. Este caso está tomado dos Proceedings da S. P.R. De 1885, vol. III, págs. 92-93 (também em Human Personality, vol. II, pág. 339), sendo relatado a seguir:

A Sra. Z., esposa do coronel Z. (conhecido cavalheiro irlandês que não deseja ver o seu nome publicado), ia hospedar em casa alguns amigos e pediu para a Sra. X., que na época preparava-se para ser cantora profissional, para passar uma semana com ela e assim ajudar a distrair os convidados, o qual ela aceitou. Vários anos depois a Sra. Z. ficou muito doente e viu a morte próxima. Apesar disso, guardou perfeita compostura e conservou a plena posse das suas faculdades mentais, mostrando desejos de deixar resolvidos certos assuntos.

Com esta finalidade, o marido estava um dia à cabeceira conversando com ela sobre estas questões, quando, de súbito, a Sra.

Z. mudou de assunto e disse ao marido: “Você não está ouvindo essas vozes cantando?” O coronel Z., que relata este incidente, respondeu que não, e ela prosseguiu: “Já as ouvi várias vezes hoje e acho que são os anjos que estão me saudando no céu, porém – acrescentou – é estranho, entre elas há uma que tenho certeza de conhecer, mesmo sem poder lembrar a quem pertence essa voz.”

Subitamente silenciou e apontando por cima da cabeça do marido, disse: “Oh! Lá está ela, no canto do quarto; é Júlia X. Ela vem para cá, inclina-se sobre você, está com as mãos postas, rezando. Olhe. Está partindo.” O marido olhou ao redor, porém não viu nada. Então a esposa falou:

“Já partiu.”

Naquele momento o coronel imaginou que tudo aquilo eram meras alucinações de moribundo.

Porém dois dias depois, quando estava lendo o Times, viu a notícia do falecimento de Júlia, que tinha casado alguns anos antes com o Sr. Webley. Ficou tão estupefato que um ou dois dias depois do enterro de sua esposa foi visitar o pai de Júlia e perguntou-lhe se era verdade o falecimento da filha. “Sim – respondeu o pai –. Morreu de febre puerperal e no dia do seu falecimento começou a cantar. Cantou sem parar, até morrer”.

Em comunicado ulterior do coronel Z. revelam-se os fatos seguintes:

A Sra. Webley (nascida Júlia X.) faleceu em 2 de fevereiro de 1874.

A Sra. Z. (esposa do coronel Z.) faleceu em 13 de fevereiro de 1874.

O coronel Z. viu a notícia do falecimento da Sra. Webley em 14 de fevereiro de 1874.

A Sra. Z. nunca sofreu alucinações de gênero algum.

Posteriormente o Sr. Gurney recebeu uma nota do Sr. Webley (marido de Júlia) na qual manifestava que mesmo sendo muito bela,

a voz da sua esposa nunca fora tão excelente como quando cantou antes de falecer.

John Bunyan relata um incidente deste tipo que merece ser citado, mesmo não tendo muito valor demonstrativo. É o seguinte:

Como estamos falando na agonia dos cristãos, vou contar para vocês a história de um deles, que morreu há algum tempo na nossa cidade. Este homem era um piedoso puritano, pois assim eram chamados no passado os homens devotos. Após uma longa e piedosa vida, este homem caiu doente, vindo a falecer como resultado dessa enfermidade. E quando jazia no seu leito de morte, a mulher que cuidava dele acreditou estar escutando a música mais doce que ouvira na sua vida, música que continuou até que ele entregou o espírito. Porém quando sua alma partiu, a música pareceu-lhe retroceder e afastar-se cada vez mais da casa e continuou afastando-se, até não mais ser possível ouvi-la. (Vide as obras de Bunyan, editadas por George Offor, vol. III, págs. 653 e 654. Glasgow, 1855).

## VI

# Visões do espírito de um moribundo ao abandonar o corpo

O caso seguinte, que está tomado do Boletim da S.P.R. (vol. XIII págs. 308-311), foi enviado ao Dr. Hodgson pelo Dr. Burgers, membro da S.P.R. americana. A visão de que se trata somente foi vista pelo marido da moribunda e por mais ninguém dentre as pessoas ali presentes. O Dr. Renz, que estava entre elas, depõe que o vidente, Sr. G., “estava em um estado absolutamente normal antes e depois, e que era pouco provável que certos traços da visão fossem ocorrência dele.”

O sensitivo, Sr. G., manifesta o seguinte:

Minha esposa faleceu faltando um quarto para meio-dia da sexta-feira 23 de maio de 1902. Reunidos em torno ao leito estavam alguns dos nossos amigos mais íntimos, o médico de cabeceira e duas enfermeiras experientes. Eu estava sentado à cabeceira segurando a mão da minha esposa... Ao anoitecer, lá perto das sete horas, tive a ocorrência de olhar na direção da porta e vi flutuar, através do limiar, três nuvens claramente separadas em estratos. Cada nuvem parecia de uns quatro pés de comprimento e seis a oito polegadas de largura, estando a mais baixa a uns dois pés do chão e as outras separadas por espaços de umas seis polegadas... Estas nuvens aproximaram-se lentamente do leito até envolvê-lo por completo. Logo após, olhando através da neblina, descobri, em pé, junto da

cabeça da minha moribunda esposa, uma figura de mulher de uns três pés de altura, transparente, porém semelhante ao fulgor do ouro mais brilhante. Uma figura de aspecto tão glorioso, que não existem palavras adequadas para descrevê-la. Estava vestida ao estilo grego, com mangas compridas, folgadas e ondulantes. Na cabeça, uma coroa reluzente. Em todo o seu esplendor e beleza, permaneceu essa figura imóvel, com as mãos alçadas sobre a minha esposa, como se a acolhesse com plácido e alegre continente, com um ar digno de sossego e de paz. Duas figuras brancas ajoelharam-se aos lados da minha esposa, inclinando-se ao parecer, sobre ela. Outras figuras vagavam em torno ao leito, mais ou menos nítidas.

Por cima da minha esposa e ligada por um fio que partia da sua frente sobre o olho esquerdo, flutuava, em posição horizontal, uma figura branca e despida, que era evidentemente o seu “corpo astral”. Algumas vezes a figura suspensa jazia absolutamente imóvel; outras vezes, ela se reduzia até não atingir mais de umas dezoito polegadas, mas sempre era possível enxergá-la perfeita e nitidamente...

Durante as cinco horas que precederam a morte da minha esposa, esta visão, ou como se quiser chamar, oferecia-se continuamente à minha vista. Durante essas cinco horas experimentei uma estranha sensação de aperto e peso na cabeça e nos membros...

Por último, chegou o momento fatal. Com um estertor, enquanto a figura astral se debatia, minha esposa deixou de respirar. Aparentemente tinha falecido, porém, não obstante, após alguns minutos tornou a respirar por duas vezes e depois tudo terminou. Com o seu último hálito e o seu último estertor, quando a alma abandonou o corpo, o fio partiu-se de súbito e a figura astral desvaneceu-se. As nuvens e as formas dos espíritos desapareceram instantaneamente, e, coisa estranha, todo aperto que pesava sobre mim dissipou-se.

Eu voltei a ser o mesmo, uma pessoa fria, serena e reflexiva, capaz de dirigir, depois que a morte sobreveio, a disposição do cadáver e a sua preparação para o lugar do repouso eterno.

Deixo aos meus leitores o cuidado de determinar se eu estava sob o influxo de uma alucinação mental motivada pela ansiedade, o pesar e a fadiga, ou se foi permitido aos meus olhos mortais vislumbrar um mundo de beleza, de felicidade, de calma e de paz.

O doutor que estava presente escreve do seguinte modo:

Pelas minhas próprias observações, posso descartar, com toda certeza, a possibilidade de um agudo estado de demência alucinatória durante o tempo da visão descrita... Eu conhecia bem o Sr. G. e tive ocasião de averiguar que ele nunca tinha lido nada sobre ocultismo. Tudo o que não fosse fato comprovado era incompatível com o seu espírito positivo, até o ponto de que, durante a sua visão (da qual eu fiquei sabendo naquela mesma hora), ele perguntou-me freqüentemente se eu achava que ele estava ficando maluco...

Logo após a morte da Sra. G., o Sr. G., que passara sentado as últimas seis horas quase imóvel junto dela, levantou-se e deu todas as ordens de um modo tão tranqüilo e positivo que causou surpresa em todos os presentes. Se tivesse sido vítima de uma alucinação, seu espírito não teria voltado a si com tanta rapidez como o fez. Agora já passaram duas semanas e meia desde que aconteceu a morte e a visão. O Sr. G. goza de absoluta normalidade, tanto física como mentalmente. Atendeu os seus assuntos como tinha por costume, e, além disso, realizou muitas ocupações extraordinárias.

C. Renz

Foram registrados muitos casos autênticos, onde os parentes da pessoa, quando estão cuidando dela junto ao leito de morte, viram elevar-se do corpo do defunto, ao sobrevir a morte, uma forma nebulosa que flutuava um instante no quarto e depois desaparecia.

Lady Mount Temple informou-me de que alguma coisa desse gênero fora observada por um seu amigo psíquico, que estava presente durante o falecimento de Lord Mount Temple. As outras pessoas também presentes nada viram.

Em uma carta recebida por mim recentemente, de um conhecido dignitário da Igreja (um deão) de Nova Gales do Sul, este descreve a morte do seu filho, acontecida alguns anos atrás.

Diz que lá pelas três horas e meia da tarde, ele e a esposa estavam em pé em ambos os lados do leito inclinados sobre o filho moribundo, quando no mesmo momento em que ele deixou de respirar, ambos viram que “do seu rosto elevava-se algo assim como um véu ou neblina delicada que se dissipou lentamente.” E acrescenta: “Isso impressionou-nos profundamente e dissemos: Como é maravilhoso! Sem dúvida deve ser a partida do seu espírito. Não estávamos nem um pouco atordoados, para nos enganarmos naquilo que estávamos vendo”.

Os casos seguintes são contados pela Sra. Joy Snell no seu livro *The Ministry of Angels*.

Seis meses depois de eu ter começado a trabalhar no hospital, foi-me revelado que, freqüentemente, os moribundos enxergam realmente aqueles que surgem dos domínios da vida do espírito para recebê-los à entrada em outro estado de existência.

A primeira vez que eu recebi esta prova ocular foi quando faleceu Laura Stirman, doce jovem de dezessete anos, grande amiga minha. Esta jovem sofria de depauperamento. Não tinha dores, mas o cansaço causado pela extrema fraqueza pesava sobre ela e fazia com que almejasse o repouso. Pouco antes de ela expirar, reparei em que as formas de dois espíritos elevavam-se em ambos os lados do seu leito. Não vi quando eles entraram no quarto. Quando reparei, alçavam-se dos lados da cama, porém enxergava-os tão nitidamente

como a qualquer uma das pessoas que ocupavam o quarto. Reconheci neles os rostos de duas jovens que tinham sido amigas íntimas da menina agonizante.

Elas faleceram um ano antes, e na época deviam estar com a mesma idade dela.

Justamente antes de elas aparecerem, a menina moribunda exclamou: “Tudo ficou escuro de repente. Não estou enxergando nada!” Porém imediatamente as reconheceu. Um belo sorriso iluminou o seu semblante. Estendeu as mãos e com alegre voz exclamou: “Oh, vocês vieram me buscar! Fico feliz, pois estou muito cansada.”

Tendo ela estendido as mãos, cada um dos dois anjos estendeu as suas, e um deles segurou a mão direita da moribunda e o outro a esquerda. Seus semblantes estavam iluminados por um sorriso ainda mais radiantemente belo que o da menina, que logo encontraria o repouso que almejava. Não tornou a falar, porém durante cerca de um minuto ficou com as mãos estendidas e seguradas pelas mãos dos dois anjos, e continuou contemplando-os com um alegre fulgor nos olhos e o sorriso no semblante.

O pai, a mãe e o irmão, que tinham sido avisados para estarem presentes quando o fim chegasse, começaram a chorar amargamente, porque sabiam que a moribunda ia deixá-los.

Do fundo do meu coração brotou uma prece para que eles pudessem ver tudo o que eu estava vendo, porém eles não puderam vê-lo.

Os anjos pareceram soltar as mãos da menina, que então desabou sobre o leito.

Um suspiro brotou dos seus lábios, como dado por alguém que se entrega alegremente a um sonho muito ansiado, e um momento mais tarde, como o mundo terreno diz, estava morta. Porém aquele doce

sorriso com o qual reconhecera primeiramente os anjos, ainda estava estampado nas suas feições.

Os dois anjos permaneceram junto à cabeceira durante o breve espaço que transcorreu antes que o espírito adquirisse forma sobre o corpo onde a vida física cessara. Alçaram-se depois, e permaneceram alguns momentos a ambos os lados dela, que agora era semelhante a eles; e depois, três anjos saíram do quarto onde pouco antes só havia dois.

Um mês depois do falecimento de Laura Stirman, que acabo de relatar, faleceu no hospital outro amigo meu, o Sr. Campbell, de quarenta e cinco anos de idade. Este faleceu de pneumonia. Era um homem bom e devoto, e a morte não lhe causava temor algum, porque estava certo de não ser ela nada além de um trânsito para uma vida mais feliz, mais excelsa que essa que pode ser vivida aqui. O único pesar que a morte lhe causava era ter de abandonar sua querida esposa, porém este pesar era mitigado pela certeza de que essa separação seria só transitória, e ela iria unir-se a ele naquele outro mundo para onde ele partia agora.

A esposa estava sentada junto ao leito, e, com a mesma fé dele, aguardava o fim com resignação. Uma hora antes de ele morrer, chamou-a pelo nome e, apontando para o alto, disse:

“Olhe ali, L., lá está B.! Está me aguardando. E agora está sorrindo e estende as mãos para mim. Está vendo?”

“Não, querido, não estou vendo – respondeu ela – mas eu sei que ele está ali porque você o vê.”

B. era seu único filho, falecido um ano antes, quando estava com cinco ou seis anos de idade. Eu vi perfeitamente o anjinho, de louros cabelos crespos e olhos azuis, vestido com aquilo que eu chamo de túnica dos espíritos. Seu rostinho era gracioso, porém etéreo e radiante como nunca poderiam ser os rostos terrenos.

O pai tinha ficado muito enfraquecido pelos estragos causados pela doença. A gozosa emoção ocasionada pela visão do filho pareceu esgotar a pouca vitalidade que ainda lhe restava.

Fechou os olhos e mergulhou em plácido sono. Neste estado permaneceu uma hora, e enquanto isso o menino ficou pousado no leito com alegre expressão no semblante.

De vez em quando fitava amorosamente a mãe.

A respiração do moribundo foi enfraquecendo, até que cessou por completo. Então novamente presenciei aquilo que para mim já se havia tornado um espetáculo familiar: a formação do corpo do espírito sobre o descartado corpo terreno. Quando ficou completo, o anjo menino pegou a mão do já anjo pai, olharam-se nos olhos com a expressão do mais tenro afeto, e com o semblante resplandecente de gozo e felicidade, dissiparam-se.

Após alguns momentos, a viúva (Sra. Campbell) disse-me: “Fico feliz de o meu querido esposo ter visto B. antes de falecer. Era natural B. vir buscá-lo para levá-lo aos anjos, pois se amavam com ternura. Agora sempre pensarei que estão juntos e são felizes. E quando a minha hora chegar, sei que eles virão me buscar.

Depois de deixar o hospital dediquei-me à enfermagem particular, fui contratada para cuidar de uma senhora idosa (a Sra. Barton, de sessenta anos de idade), portadora de dolorosa enfermidade interna. Era viúva e a sua única filha morava com ela... Chegou o momento e o fim aproximava-se.

A mãe já tinha perdido a consciência, e a filha estava ajoelhada junto ao leito soluçando com o rosto coberto pelas mãos. De súbito vi dois anjos que se alçavam um em cada lado do leito. O rosto de um deles era o de um homem que ao abandonar esta vida teria representado uns setenta anos de idade. Sua barba e cabelos eram grisalhos, porém em suas feições estava gravado esse quê

indescritível, indício de vitalidade e vigor exuberante que resplandece nos rostos de todos os anjos que já vi, oferecendo em alguns o aspecto da juventude e, em outros, o da senectude. O semblante do outro anjo era o de uma mulher que aparentava ter uns dez ou quinze anos menos.

A moribunda abriu os olhos e, então, resplandeceu neles esse fulgor de alegre reconhecimento que tantas vezes eu tenho observado em aqueles cujos espíritos estão a ponto de abandonar para sempre a sua morada terrena. A anciã estendeu as duas mãos. Um anjo tomou uma delas e o outro a outra, enquanto os seus rostos radiantes resplandeciam de felicidade em receber em um mundo melhor aquela cuja peregrinação terrena tinha concluído.

“Oh, Willie! - exclamou ela - Até que enfim você veio me buscar para me levar para casa e fico muito feliz, pois os meus sofrimentos foram bem duros de suportar e estou muito cansada.” Depois, acrescentou:

“E você também, Marta!” Com um gozoso fulgor no olhar ficou com as mãos estendidas durante cerca de meio minuto. Depois, pareceram se desprender das mãos dos anjos. Todos os seus sofrimentos tinham terminado.

A filha levantou a cabeça ao ouvir a voz da mãe, e seus olhos banhados em lágrimas pareciam refletir um pouco da alegre surpresa que se pintou no rosto da mãe. “Não posso duvidar - disse-me quando a mãe lançou o último suspiro. Sei que minha mãe viu papai e sua irmã, a tia Marta. Sei que eles vieram buscá-la para ela descansar no céu.”

Pouco depois, quando eu disse como tinha visto partir os dois anjos com o espírito de sua mãe, escutando com ansiedade, exclamou: “Acredito! Acredito! Mas como eu gostaria de ter visto também!”

